



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Amanda Pereira de Souza

Para além da roda: samba e seus frutos nos arredores campo-grandenses

Duque de Caxias

2022

Amanda Pereira de Souza

Para além da roda: samba e seus frutos nos arredores campo-grandenses

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dra Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

S729
Tese

Souza, Amanda Pereira de
Para além da roda: samba e seus frutos nos arredores campo-grandense/
Amanda Pereira de Souza - 2022.
99f.

Orientadora: Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro .

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Samba de roda – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Campo Grande – Rio de
Janeiro (RJ) - Teses. I. Ribeiro, Ana Paula da Gama Alves. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III.
Título.

CDU 78. 085:37

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Amanda Pereira de Souza

Para além da roda: samba e seus frutos nos arredores campo-grandenses

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Aprovado em: 23 de maio de 2022

.Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Luiz Rufino Rodrigues Júnior
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dra Sônia Beatriz dos Santos (SUPLENTE)
Faculdade de Educação - UERJ

Prof. Dra. Alline Torres Dias da Cruz
Colégio Pedro II

Duque de Caxias

2022

AGRADECIMENTOS

Um provérbio africano diz que para se educar uma criança é necessária uma tribo inteira. Eu posso dizer que sou fruto desse pensamento. Sozinha não faria metade do que tenho feito. Sou imensamente grata pela família que tenho, que me cobriu de exemplos de força e de luta, mulheres destemidas que me ensinaram a ter voz e saber quando e onde usá-la. Minha força ancestral.

Sou grata pelos caminhos que percorri e pelas pessoas que não desistiram de mim nessa caminhada, em especial meu amigo irmão, Rafael Lázaro que não descansou e nem desistiu de me apontar caminhos, cursos, possibilidades de retornar à Academia. Meu grande incentivador incansável orientador honorário.

Ao meu amigo fiel, Sérgio Celestino, meu suporte afetivo e tecnológico, sempre disposto a me socorrer com textos impressos de última hora ou aconchego de um abraço revigorante.

Meu querido Janderson Bax (*In memoriam*), irmão de outras passagens, pela cumplicidade de sempre, pelas trocas, pelos papos históricos e metodológicos, regados pela boemia das ruas que nos guarda.

Minha fundamental rede de apoio preta, composta por dois núcleos. Dois grupos de *WhatsApp*, com incríveis mulheres que dividem sua jornada acadêmica, as “Etnoeducadoras Negras”, que me nutre de conteúdos pertinentes e um apoio ímpar e, as “Pretas Mestrado 2019”, grupo sem o qual talvez eu não estivesse aqui. Mulheres que lutam juntas suas batalhas de escrita em meio as aventuras e desventuras da vida. Apoio que tem me permitido sonhar com a dissertação.

Sou grata por Elisa Simoni da Silva, presentinho lindo que o grupo de pesquisa me deu e que caminha comigo, pacientemente pelos meus desesperos da escrita. Fôlego para continuar. A minha banca, a professora Alline Torres Dias da Cruz e o professor Luiz Rufino.

Ambos são guias e generosamente me apontam caminhos para uma melhor pesquisa. A professora Sônia Beatriz dos Santos, que gentilmente aceitou estar na banca como suplente.

Sou grata à Ana. Minha orientadora Ana Paula Alves Ribeiro, que me acolheu em meio ao seu infinito particular, acreditou no meu processo e não me descartou como possibilidade. Acolhimento ancestral.

Muito obrigada, axé!

“Compositor de destinos.
Tambor de todos os ritmos.
Tempo, tempo, tempo,
tempo. Entro num acordo
contigo.
Tempo, tempo, tempo, tempo”.

(Caetano Veloso – Oração ao Tempo)

RESUMO

SOUZA, A. P. *Para além da roda: samba e seus frutos nos arredores campo-grandenses*. 2022. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, 2022.

O presente trabalho propõe um mergulho no universo de um grupo de jovens que através do seu amor e identificação pelo samba se lançam na jornada de realização de eventos em roda, que originarão um centro de cultura negra, nas extremidades da zona oeste carioca, significando uma imersão na semiologia que busca uma leitura vertical do samba (SODRÉ, 1998). Visando a propagação e a manutenção da história de seus ancestrais, fazendo uso das afrografias dos seus (MARTINS, 1997) o Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, promove uma roda de samba mensal, encabeçada por sua vertente musical, o grupo “Colete Curto”, além de oferecer para a comunidade aulas de percussão, capoeira e samba, à preços acessíveis. A ideia não é apenas entreter, a busca pelo conhecimento e reconhecimento da história negra é a força motriz desse grupo. Conheceremos o projeto através da história do seu fundador, Breno Batista, bem como de sua família, alicerce e provedora deste quintal de samba, explorando seu pertencimento a culturas étnicas, raciais, religiosas (HALL, 2006).

Palavras-chave: Corpo; Memória; Ancestralidade; Roda de samba e educação.

ABSTRACT

SOUZA, A. P. *Beyond the wheel: samba and its fruits in the surroundings campo-grandenenses*. 2022. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, 2022.

The present work proposes a dive into the universe of a group of young people who, through their love and identification with samba, launch themselves on the journey of holding events in circles, which will originate a center of black culture, in the extremities of the west of Rio de Janeiro, meaning an immersion in semiology that seeks a vertical reading of samba (SODRÉ, 1998). Aiming at the propagation and maintenance of the history of their ancestors, making use of the afrographies of their (MARTINS, 1997) the *Centro de Cultura Negra Fruta do Pé*, promotes a monthly samba circle, headed by its musical aspect, the group “*Colete Curto*”, in addition to offering percussion, capoeira and samba lessons to the community at affordable prices. The idea is not just to entertain, the search for knowledge and recognition of black history is the driving force of this group. We will get to know the project through the history of its founder, Breno Batista, as well as his family, foundation and provider of this samba backyard, exploring its belonging to ethnic, racial and religious cultures (HALL, 2006).

Keywords: Body; Memory; Ancestry; Samba circle and education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista da Fazenda Imperial de Santa Cruz e Rochedo do Arvoredo	21
Figura 2: AP5 e suas Regiões Administrativas.....	23
Figura 3: Capela original de Nossa Senhora do Desterro	24
Figura 4: Quadro demonstrativo dos bairros que constituíam cidade e subúrbio entre 1799-1890.....	25
Figura 5: Foto do Viaduto Alim Pedro. Fonte: Em checagem	28
Figura 6: Viaduto Prefeito Alim Pedro em Campo Grande.....	29
Figura 7: Parque Estadual do Mendanha	31
Figura 8: Serra da Posse com os sub-bairros campo-grandenses no entorno	32
Figura 9: 07 Diálogos 03 – Educação, movimentos sociais e diferenças 0001 (78)	38
Figura 10: Maquete sintetizando referências das comunidades da Mangueira, Serrinha e Vila	39
Figura 11: Foto da sala aclimatada à um típico botequim carioca.....	40
Figura 12: Parte das turmas do 3º ano do EM na feira de cultura de 2017	41
Figura 13: Foto de divulgação do Projeto Fruta do Pé	45
Figura 14: Imagem cedida por cedida por Teresa Branco Mendes	47
Figura 15: Foto da Preta Velha – Descida do viaduto de Inhoaíba	48
Figura 16: Dona Marli. Fonte: Arquivo pessoal de dona Marli.....	49
Figura 17: Primeira roda no quintal de dona Marli – 10/07/2019	55
Figura 18: Fachada da casa que abriga o Projeto.....	56
Figura 19: Painel de Influências – C.C.N.. Fonte: Fruta do Pé (2021).....	57
Figura 20: Foto dos bambas do Fruta. Fonte: Fruta do Pé.....	58
Figura 21: Foto da entrevista do Seu Décio, no salão do “Samba e Água Fresca”	60
Figura 22: Foto da entrevista no Jongo de Pinheiral.....	61
Figura 23: PH Mocidade em entrevistas à série “Raízes do Fruta”, em fevereiro de 2021	62
Figura 24: “Santa Cruz”.....	64
Figura 25: Arifan	65
Figura 26: Zé Luiz do Império.....	66
Figura 27: Logotipo do CCN Fruta do Pé	67
Figura 28: Kemetic Yoga – janeiro de 2021	68
Figura 29: Aula de capoeira – janeiro de 2021	69
Figura 30: Aula de percussão – fevereiro de 2021	69
Figura 31: Oficina de passistas julho de 2021	70
Figura 32: Área externa do Centro de Cultura, onde acontecem as aulas e a roda de samba... 71	

Figura 33: Breno Batista, Lucas Pretto e Ramon de Pilares – integrantes do grupo Colete Curto	72
Figura 34: Foto da apresentação do Colete Curto – novembro de 2021	73
Figura 35: Imagens das aulas de percussão oferecidas aos alunos nas sextas-feiras.	74
Figura 36: Oficina de percussão no CIEP Roberto Morena – Paciência novembro/2021	75
Figura 37: Foto de uma das paredes do C.C.N.	78
Figura 38: Seu Elói, com sua vista privilegiada, registrando o “pagode”	79
Figura 39: Imagem do que Seu Elói buscou registrar.....	79

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: POR ENTRE MELODIAS DE UM SAMBA CANÇÃO	12
1	BEM-VINDOS AO <i>VELHO OESTE</i>: CAMPO GRANDE, PERIFERIA CARIOCA?	21
1.1	O velho oeste carioca	22
1.2	Um Campo Grande de novas centralidades	32
2	A JUVENTUDE BAMBÁ DOS ARREDORES CAMPO-GRANDENSES: CRIADORES E CRIATURAS	33
2.1	Afetações de uma escrita pandêmica	41
2.2	Chegando ao Fruta	45
2.3	Raízes do Fruta	57
2.4	Centro de Cultura Negra Fruta do Pé	67
3	A RODA COMO ESPAÇO DE PROFUSÃO DE SABERES:	76
3.1.	Eu sou, porque nós somos. A filosofia africana nas ruas periféricas distantes da Sapucaí ..	78
	REFERÊNCIAS:	83
	ANEXO A: Foto da divulgação do retorno das rodas no espaço do Fruta.....	89
	ANEXO B: Foto de divulgação das aulas de samba	90
	ANEXO C: Foto de divulgação das aulas de percussão.....	91
	ANEXO D: Foto de divulgação das aulas de capoeira ⁷⁶	92
	ANEXO E: Foto de uma das paredes do espaço ⁷⁷	93
	ANEXO F: Foto de Bambas na parede do projeto ⁷⁸	94
	ANEXO G: Foto da banca de artesanatos ⁷⁹	95
	ANEXO H: Foto da barraca de bijus ⁸⁰	96
	ANEXO I: Foto Ancestralidade presente em cada detalhe da roda ⁸¹	97

INTRODUÇÃO: POR ENTRE MELODIAS DE UM SAMBA CANÇÃO

Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Rir pra não chorar
 Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Sorrir pra não chorar
 Quero assistir ao sol nascer
 Ver as águas dos rios correr
 Ouvir os pássaros cantar
 Eu quero nascer
 Quero viver
 Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Rir pra não chorar
 Se alguém por mim perguntar
 Diga que eu só vou voltar
 Depois que me encontrar
 Quero assistir ao sol nascer
 Ver as águas dos rios correr
 Ouvir os pássaros cantar
 Eu quero nascer
 Quero viver

(Preciso me encontrar – Candeia)¹¹

Se pararmos para pensar, os caminhos que a vida toma se confundem com as variações do samba, permitem em seu curso notas melancólicas, vibrantes, decisivas, derradeiras, surpreendentes. Capazes de causar uma disritmia ao mais compassado coração. Imprevisível. Possível. Que só faz sentido para quem se permite sentir. Entender os compassos de um samba é tão desnecessário quanto calcular cada segundo vivido. Quando nos entregamos e desarmamos nossos escudos, tanto a canção quanto a vida se fundem em um elo da nossa própria existência, que por não ser tolhido é intensamente vivido.

O ano era 2011 e a jovem historiadora que habitava em mim vibrava com a proximidade de conclusão da tão aguardada especialização em História do Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Parecia um sonho lindo, quase uma utopia, estudar com minhas referências e escrever sobre uma paixão era iminente, o samba. Nada poderia me parar, nada poderia me conter, mas a vida tal qual um samba canção², guardava um desenrolar

¹ Preciso me encontrar – Candeia. Disponível em: <<http://letras.mus.br/candeia/44833/>>. Acesso em: 05 de jan.2020

² Tipo de samba comum nas primeiras décadas do século XX onde o drama e o exagero estavam presentes quer

surpreendente.

Solidão. Dor. Tristeza. Estes são, com certeza, componentes de um bom samba canção, quer sob as frondosas mangueiras de Cartola, quer pelo bulevar elitista da vila de Noel. Mas meu enredo percorreria outra avenida. Seguindo essa melodia eis que me desencontro, imersa na melancolia da perda – a passagem da minha mãe tira minha vida do prumo e silencia meu violão. Não mais monografia, até breve academia.

Retomar a vida sozinha, sem o colo daquela que me ensinou a sambar tem sido a mais difícil batida deste coração leviano, que habita um peito cheio de promessas. A passagem dos anos fez com que o estudo, que me era orgânico, natural, algo feito sem dor ou questionamentos, feito por intuição e certeza, se tornasse um luxo perto da subsistência do cotidiano e voltar à academia parecia ser cada vez menos provável.

O ano agora é 2017 e esta menina perdida teve a chance de se (re)conhecer em um curso que mudou por completo seu entendimento de mundo. Seria possível que eu, mulher negra, moradora da zona oeste da capital carioca, não me reconhecesse assim?

A resposta é surpreendentemente mais comum do que eu pudesse supor. O curso em questão era o Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (EREREBA – PROPGPEC – CPII) que me mostrou o meu lugar na sociedade (RIBEIRO, 2017): mulher preta e periférica. Esse entendimento não foi simples nem rápido, menos ainda indolor. Repensar uma vida inteira encarcerada por padrões caucasianos de uma sociedade patriarcal e capitalista, não é das tarefas mais fáceis, principalmente ao apelo da ascensão social, que implica na decisiva conquista de valores, *status* e prerrogativas brancas (SOUSA, 1983).

Durante o curso aprendi a dar nome as potências que fazem parte da minha vida e a olhar de forma clara para assuntos que eu me acostumara a deixar passar despercebido. Entendi que meu papel em sala de aula ia além de ministrar os conteúdos de história, minha presença à frente daquelas turmas era um sinal de resistência, e ali, era a referência para tantas e tantos que como eu, um dia busquei me ver representada. E sim, eu precisava pôr em prática todo aquele conhecimento. Precisava mostrar que a sala de aula conversa para além das disciplinas didáticas. Me vi responsável por não permitir que aquelas turmas concluíssem seus estudos sem um panorama étnico-racial bem delineado.

Em 2018, outro encontro decisivo, aquele que me apresentou a pulsante e pensante Baixada Fluminense, que me despiu os preconceitos e me mostrou o valor de uma periferia me

fossem dores de amor ou alegrias descabidas. Época onde o rádio se encarregava dessa divulgação e dramaticidade do samba

levando ao centro de Memória³, para pensar a escola e me fez conhecer a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF), que para minha surpresa abre suas portas para quem quer estudar a Educação de forma ampla, dentro e fora da sala de aula. Com sujeitos que são agentes da sua própria educação, cultura e comunicação. Aventurei-me. Consumi-me de ansiedade tal qual uma personagem platônica de Noel a espera de sua amada. Venci. Entrei!

O ano de 2019 marca o meu retorno à academia e este não tinha contornos de samba, mas sim de uma educação sistemática, formal, profissionalizante, tornando-me coadjuvante em minha própria vida, fazendo-me escrever do lugar onde eu observava, mas não me reconhecia. Eis que na Sapucaí meu desfile se perdeu, a bateria não soube entrar no recuo e um buraco se abriu na harmonia.

Seis meses em suspenso, recuperando-me de uma cirurgia no tornozelo que me fez repensar se ali era meu lugar. Depois de tanta espera, tanta luta, não poderia aproveitar minha chance de recomeço? Mas a avenida ainda me reservava novos contornos e o buraco de outrora ainda poderia me render um bom desfile.

Neste tempo, pude repensar meus rumos e entender que se conseguira voltar ao mundo acadêmico eu deveria fazer meu melhor e, portanto, tomei as rédeas da minha vida e decidi escrever sobre o que de fato me fazia sentido. Escrever sobre o que vejo, vivo e que tinha se perdido naquele longínquo e dolorido 2011.

Mas caberia nesse enredo misturar samba com a formação socioeducativa? Claro! O samba pulsa em meu coração ritmando meus caminhos docentes e dissertar sobre isso é dar voz as minhas paixões. E a proposta desse programa é essa, encontrar nos sujeitos periféricos seus espaços educativos e culturais e suas maneiras de comunicar. Pensar a educação para além das paredes de uma sala de aula e entender que a formação de um indivíduo é uma competência social que trasborda a sistemática tradicional. Se faz necessário entender que existem possibilidades outras de agregar conhecimento na formação social de uma pessoa, ou nas palavras de Edméa Santos, nos “falta uma visão mais abrangente na produção e socialização de saberes e conhecimentos nos espaços de aprendizagem, sobretudo nas instituições formais” (SANTOS, 2004, p. 420).

Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro, o maior bairro da capital carioca, que será melhor referenciado no segundo capítulo. Se a *“oportunidade não cruza o*

³ Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Caxias (CEPEMHED).

⁴ Campo Grande, na Zona Oeste, é a região que tem o maior contingente populacional da cidade: são 328.370 moradores. A ocupação do bairro – que tem uma área de 11.912,53 hectares, sendo o mais extenso da cidade – foi iniciada em 17 de novembro de 1603. Fonte: <https://jornalzo.com.br/noticias/sua-cidade/363-os-quatro-maiores-bairros-do-rio- ficam-na-zona-oeste>.

Rebouças”⁵, quem dirá seguir o fluxo da Avenida Brasil. Ainda assim aqui, neste espaço que já fora visto como exclusivamente periférico da cidade, que por vezes só é lembrado em ano eleitoral por sua herança coronelista de curral, uma juventude bamba se apropria do espaço, abre a roda e se põe a sambar. Projetos mensais que reúnem a família campo-grandense em espaços dispostos a divertir e ensinar.

Mas a roda de samba educa? Que tipo de educação advém desses espaços? Bem como já dizia o patrono da minha agremiação – Educação: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (Paulo Freire/1921-1997).

Agora, “*vai passar nesta avenida mais um samba popular*”⁶ e meu coração se exibirá em linhas tortas do que estudo e vivo, as rodas de samba como frutos de uma educação assistemática, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Objetivo geral e específico: “Não deixe o samba morrer”

Pensar o samba é pensar a rua, o quintal o terreiro, a centralidade e a ancestralidade, os espaços, a periferia. O samba é matriarcal, a roda é feminina, mas o discurso e a execução são masculinos, esse é o gênero que a legitima, mas não necessariamente a representa. A gênese do samba é o sambista, sujeito marginalizado e periférico que permeia a cultura brasileira. O samba educa, em roda, protagonizando o coletivo, a troca de saberes e observação do corpo em movimento.

Analisar a importância do samba fazendo parte da cultura da cidade, como resistência de também uma cultura negra que ocupa os espaços. De um gênero musical outrora perseguido e agora baluarte da identidade nacional (VIANNA, 2010).

Seria a roda uma (r)existência do sambista que não se vê representado na avenida? Analisar a roda como um espaço de resistência e de resgate de uma ancestralidade que é presentificada através da memória que é revisitada no fazer do samba e dos demais projetos que o espaço produz, uma vez que [...] “as rodas de samba seriam o espaço do instante que se perpetua, capaz de juntar fatos, histórias e pessoas diferentes para contar uma única história, ou várias” (ARCURI, 2015, p. 90).

A cultura e o lazer nem sempre fizeram parte do cotidiano da zona oeste carioca, a menos quando ele se apropria e ressignifica espaços. Aquela que até a década de 1960 era vista

⁵ “Corpicho” canção de Ronaldo da Silva e Luiz Cláudio de Almeida para Maria Rita em seu disco Perfil de 2009.

⁶ “Mangureira é música do Brasil”, samba enredo do desfile de 2010

como zona rural, nunca recebera espaços onde seus moradores pudessem gozar de momentos livres sem as preocupações cotidianas. Bairro dormitório, onde seus habitantes em sua maioria fazem a chamada migração pendular, saindo cedo para seus trabalhos e retornando no fim do dia com tempo apenas de descansar para o próximo dia. Onde essa população respira? Quais são suas opções de cultura e lazer? As rodas de samba da região suprem essa demanda?

Um grupo de jovens da zona oeste que, primeiro se organiza em um Projeto e depois decide fundar o Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, o que os faz levar o samba para um espaço que, até então, não é visto como uma tradição no universo do samba? O que fomentou o resgate pela ancestralidade através da roda? Ou melhor, qual a importância da roda dentro do projeto? Como eles relacionam a roda com a memória ancestral? Como este projeto contribui para a sociabilidade nos arredores campo-grandenses? Qual o diferencial do Fruta para as demais rodas existentes no território da zona oeste? Existe uma preocupação em oferecer projetos numa perspectiva antirracista e afro centrada?

Metodologia: “Desde que o samba é samba”

A roda é viva, pulsante, inquieta. Para pesquisar a roda é preciso imersão. Participar dela, entender seus produtores e frequentadores. Ouvi-los. Ouvi-la. A roda é meu campo de pesquisa, ir até ela é sorver todo o conhecimento que brota destes quintais, terreiros modernos da gênese da Pequena África⁷ de Tia Ciata.

Chego à roda através da História Oral, que nos possibilita entender o papel de uma narrativa, no contexto do que fica e do que vai, do que se assimila e do que se perde, pois afinal, nossas memórias nem sempre são só nossas, podem e devem fazer parte da memória coletiva (ALBERTI, 2004).

O presente trabalho propõe uma discussão que explicita o elo entre cultura e sociedade quando se debruça na análise das transformações socioeconômicas e urbanas de uma região da cidade que não fora privilegiada pelos incentivos do Estado, mas que ainda assim, resiste como espaço de produção cultural na cidade do Rio de Janeiro.

Analisando os autores que debruçaram sua pesquisa sobre o processo das transformações urbanas da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, como Fróes e Gelabert (2004), Mansur (2008), Rovere (2009), Santos (2005), Silva e Gamarski (2010), Weyrauch

⁷ Pequena África foi nome dado por Heitor dos Prazeres a uma região da cidade do Rio de Janeiro compreendida pela zona portuária, formada pelos bairros da Gamboa e Saúde onde se encontra a Comunidade Remanescentes de Quilombos da Pedra do Sal, Santo Cristo, e outros locais habitados por escravizados alforriados e que de 1850 até 1920 foram conhecidos por Pequena África

(2013), tenho como entender o espaço que é meu campo de estudo, e sua importância no horizonte da cidade.

Acesso o campo presencialmente e, por vezes, através do digital em rede onde consigo dialogar com os produtores para me aproximar de suas histórias e identificar seus processos criativos e de formação social voltados para o samba.

A necessidade de acessar meus interlocutores de pesquisa pelo espaço digital vem de uma demanda mundial, a pandemia da Covid-19⁸, que nos colocou em uma perspectiva totalmente nova, restrita e de muita atenção. A roda, enquanto espaço que requer a aglomeração como fundamento, não pode mais ser vivida. Como então resistir aos bloqueios impostos pela pandemia?

O Centro de Cultura Negra Fruta do Pé precisou se reinventar. Acessar o público através das “*lives*”⁹ e do compartilhamento de conteúdo nas redes sociais. Bem, como também, ao passo que os protocolos de distanciamento social fossem cumpridos, abrir o espaço que antes era preenchido pela roda, para outros fins, culturais e educativos, como aulas de percussão, capoeira, jongo e Kemetic Yoga¹⁰.

Minha pesquisa é etnográfica (MATTOS, 2011) com uso de entrevistas semiestruturadas e tendo a conversa como um recurso outro também utilizado. Pois pretendo acessar o campo com rodas de conversa, onde será possível dialogarmos sobre os temas pertinentes ao trabalho, bem como estaremos no espaço de profusão de saberes, onde os componentes da roda poderão ter a liberdade e a informalidade necessárias para que a conversa seja fluida e produtiva (LIMA e MOURA, 2014).

A identificação da importância do reconhecimento de si e do outro no espaço em que estamos bem como aquilo que nos é caro e acessível enquanto

⁸ Nota sobre a pandemia – O primeiro caso da pandemia pelo novo corona vírus, SARS-CoV2, foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então, os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo mundo: primeiro pelo continente asiático, e depois por outros países. Em fevereiro de 2020, a transmissão da Covid-19, nome dado à doença causada pelo SARS-CoV2, no Irã e na Itália chamaram a atenção pelo crescimento rápido de novos casos e mortes, fazendo com que o Ministério da Saúde alterasse a definição de caso suspeito para incluir pacientes que estiveram em outros países. No mesmo dia, o primeiro caso do Brasil foi identificado, em São Paulo. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia. Poucos dias depois, foi confirmada a primeira morte no Brasil, em São Paulo. No mesmo dia, dois pacientes que haviam testado positivo para corona vírus, do Rio de Janeiro, vieram a óbito [...]. Fonte: <https://pebmed.com.br/coronavirus-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-nova-pandemia>

⁹ Apresentações ao vivo transmitidas pela *internet*.

¹⁰ Kemetic Yoga, ou Yoga Kemética é um sistema egípcio de yoga que envolve uma combinação de movimentos físicos, técnicas de respiração profunda e meditação. Essa forma de ioga dá maior ênfase aos padrões de respiração, ao mesmo tempo que inculca as filosofias de autodesenvolvimento, cura da mente-corpo-espírito e autodescoberta

afetividade é urgente, como diria Chauí:

É por isso que guardamos na memória aquilo que possui maior significação ou maior impacto em nossas vidas, mesmo que seja um momento fugaz, curtíssimo e que jamais se repetiu ou se repetirá. É por isso também que, muitas vezes, não guardamos na memória um fato inteiro ou uma coisa inteira, mas um pequeno detalhe que, quando lembrado, nos traz de volta o todo acontecido. A memória pura é um fluxo temporal interior (CHAUÍ, 2000 p. 162-163).

“Estou de volta pro meu aconchego”¹¹

A melhor forma de pegar impulso é dar um passo para trás, projetar bem os braços e então se lançar. Para que eu possa escrever hoje, preciso desse recuo nas minhas memórias. Mergulhar fundo nas lembranças que me fizeram chegar até aqui.

Só de escrever o primeiro verso da canção “De volta pro meu aconchego”, meus olhos marejam e com eles fechados consigo ouvir mamãe cantarolando pela casa, quase posso sentir o cheiro de dias tranquilos. Nada mais do que “a paz que eu gosto de ter”. Talvez a morosidade da minha escrita venha daí, acessar as memórias que me são caras. Reviver momentos tão puros, de lembranças tão densas mexem com minha estrutura e faz meu corpo pulsar em batidas que nem sempre são confortáveis. Memórias que suavizam dias nebulosos de ansiedade paralisante. A memória da gente é engraçada, né? Me lembro direitinho de subir num banquinho e arremessar pela janela do 18º andar, tudo que estava ao meu redor. Pequenas mãozinhas que fizeram um estrago. Lá em baixo, uma mãe chegando cansada de um sábado de trabalho, recebe em um saco de batatas, toda a riqueza lançada por sua pequena. Bonecas, bonecas e bonecas.

Ah, como eu adorava olhar pela janela (e ainda amo)! Tinha todo um horizonte de possibilidades, através de uma, estacionamento, escola, igreja. Mas a minha preferida me abria para o mundo da cor e do som, que me enfeitiçaram em verde e rosa. Ali, aos pés do meu prédio, o barracão da minha amada Estação Primeira de Mangueira, um amor que nem sei como nem quando, mas me arrebatou para sempre. Eu amava passar minhas tardes de janeiro olhando o vai e vem de pessoas, carros e fantasias que passavam frenéticas por aqueles portões. Plumas e paetês que davam cor e sentido à minha imaginação.

Sempre me gabei do prédio que me abrigava nessa primeira infância, afinal de contas eu morava no “Balança mais não cai”, tinha programa de rádio e até de tv, não que eu tivesse assistido a algum deles. Me gabava de gaiata, pois na verdade, eu morava no Onze de Julho, o terceiro dos três prédios que ganharam a fama. O Balança mesmo era só o que margeava a Av. Presidente Vargas, o edifício Prefeito Frontin. Minha mãe não gostava muito de falar que

¹¹ “De volta pro meu aconchego” – Compositores: Moraes De Jose Domingos/Correia Fernando Manoel

morava lá e eu não entendia o porquê, já que na minha mente imaginativa e fértil, era motivo para achar graça. Tempos mais tarde entendi os motivos dela, a má fama do lugar. Nós moramos lá entre 1983 e 1997, nesse período o complexo de prédios já havia passado por um processo de reformas e de limpeza profunda na violência dos ocupantes que em épocas anteriores usavam seus apartamentos como bordéis e bocas de fumo, trazendo a então má fama do espaço.

Começamos morando no 1806 e anos depois, migramos para 1801 e ali, com a Presidente Vargas me sorrindo todo dia, não cansei de planejar meu futuro perdida na imensidão do horizonte azul. Acho que meu fascínio pela rua começou ali. Meus finais de semana eram de “expedições aos Saara”, meu safari urbano favorito. Andar por aquelas ruas de paralelepípedos, explorando toda a diversidade dos comércios daquelas ruas estreitas e sempre lotadas. Segurando firme na bolsa, claro. Olhando tudo e todos. Olhando mais para cima do que para baixo, o que me rendia tropeços e chamadas de atenção de uma mãe que não entendia porque eu olhava tanto para cima, “estou olhando os prédios, mamãe, sempre os prédios”.

A volta era a melhor parte, pois por mais cansada que estivéssemos ainda tinha tempo de comprar um *Madrilenho* na Manon¹² da rua do Ouvidor e correr livre pelo Campo de Santana. Ah, como eu gostava de correr no gramado de lá. Entrar na gruta, quando ainda era permitido e brincar de pique esconde com as estátuas das estações, minhas amigas de final de semana. Só tinha medo do senhor Inverno. Filha única com mente fértil sabe se divertir.

Cresci nessas ruas, ouvindo suas histórias, cantando suas melodias que explodiam em cores no carnaval. A rua das buzinas e faróis ganhava contornos de alegorias e adereços, um engarrafamento de carros que eu não cansava de acompanhar. Barraquinhas de comidas e bebidas ganhavam as calçadas nos forçando a andar na pista, o que me deixava animada demais. Perdi a conta de quantas fotos em carros alegóricos foram tiradas nesses anos, quantos saquinhos de confetes lancei ao vento e quantas sapatilhas perdi pelo caminho. O samba sempre foi minha melhor canção. A trilha sonora dos meus sonhos mais bonitos.

Como boa filha única, a televisão era minha babá e os desenhos, meus melhores amigos. Telespectadora assídua das manhas animadas pela grade da tv aberta. Um destes desenhos vale referendar, “O fantástico mundo de Bobby”¹³, prendia minha atenção na programação do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Adorava a maneira como funcionava a mente do Bobby, tudo que lhe era dito, era interpretado literalmente dentro da cabeça dele, nos levando as viagens

¹² Confeitaria Manon R. do Ouvidor, 187 – Centro, Rio de Janeiro – RJ.

¹³ Desenho estadunidense exibido no Brasil entre 1993 e 2002.

mais inusitadas. Sempre me identifiquei com Bobby. Até hoje guardo um pouco dessa capacidade imaginativa de fantasiar o que vejo, leio e ouço. Minha fuga favorita. Talvez por isso tenha construído na minha cabeça uma historinha de transição para meu novo endereço, Campo Grande.

Finais de semana alternados e em todas as férias, Campo Grande era destino certo e eu adorava ir para lá. Ter a chance de ver meus primos e primas, de brincar na rua, de ir até a pracinha, de subir nas árvores do quintal, de correr até cansar e entrar suada depois de um dia solta na rua. Ah, eu adorava Campo Grande. Era lá que eu brincava no terreiro de tia Catarina (motivo pelo qual íamos em fins de semana alternados), mãe de santo da família toda. Achava o máximo encontrar ali, os santinhos que via na escola de freiras que estudava. Me encantava ver as tias rodopiando no terreiro, com todas aquelas cores e rendas. Gargalhava com aqueles adultos falando igual criança enquanto labuzavam uns e outros de doces. Mas, principalmente, adorava o fim do domingo, quando na fila da rodoviária, comia um amendoim torrado enquanto esperava o ônibus que me levaria de volta para casa.

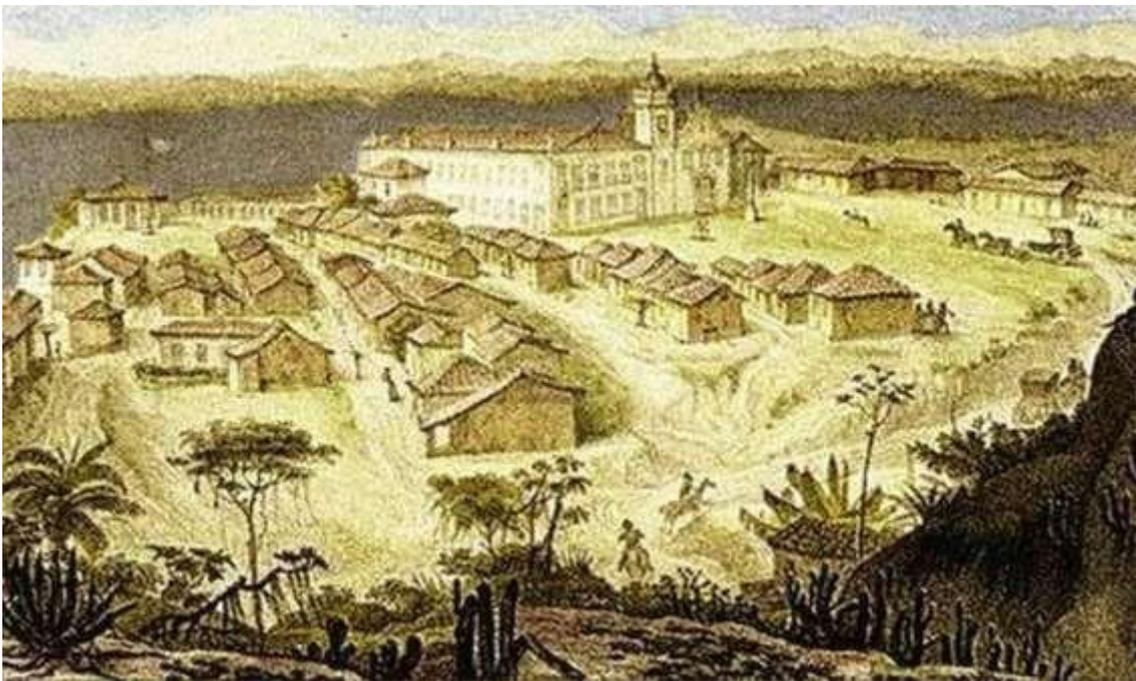
Nunca imaginei que ali, que aquele lugar deixaria de ser esporádico e passaria a ser permanente. Talvez por isso tenha resistido tanto em enxergar os arredores campo-grandenses que me abriga há mais de 20 anos.

1. BEM-VINDOS AO *VELHO OESTE*: CAMPO GRANDE, PERIFERIA CARIOCA?

Meu bairro,
Meu campo grande, distante,
No meu subúrbio galante,
Berço das canções de amor.

Meu bairro – Adelino Moreira

Figura 1: Vista da Fazenda Imperial de Santa Cruz e Rochedo do Arvoredo¹⁴.



Fonte: DEBRET, 1816-1831.

Em finais do século XIX e início do século XX, um Brasil republicano precisava se organizar. Os espaços na cidade do Rio de Janeiro estavam sendo reorganizados e agora bem definidos por classe. O centro da cidade já não era suficiente para a elite abastada que se via espremida entre a camada mais pobre da população que agora crescera exponencialmente com a assimilação dos ex-escravizados que com eles competiam por toda a sorte de empregos existentes. Os mais abastados deslocavam suas posses rumo a Zona Sul, que vislumbrava um crescimento significativo pelas orientações do capital privado.

A crise da economia cafeeira movimentou o capital mercantil para as atividades urbanas, dando uma nova cara ao ambiente carioca, claro que nas áreas onde o capital nacional e privado (Bondes) se beneficia a Zona Sul, que também seria alvo da movimentação do capital

¹⁴ Vista da Fazenda Imperial de Santa Cruz e Rochedo do Arvoredo de Jean Baptiste Debret *in*: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1816-1831).

internacional.

Enquanto isso o centro da cidade ficava com a incumbência de assimilar toda a massa proletária, da maneira que desse, cabendo aos pequenos comerciantes os primeiros investimentos em moradias populares. Nesse contexto só haveria ares de mudança a partir da Reforma Passos, na primeira década do século XX. Após esse período de intensa agitação na cidade, os subúrbios passariam a ser não só abrigo daqueles que fugiram dos grandes centros, como também, refúgio para os trabalhadores que foram expulsos dos cortiços, dando início a “periferização” dos pobres (LAGO, 2015).

Pode-se afirmar que já nos anos 20 começou a se conformar a área metropolitana do Rio de Janeiro, num padrão de estruturação interna dicotômico, no que se refere às condições urbanas de vida: um núcleo criado para abrigar as camadas de alto poder aquisitivo que pudessem garantir a rentabilidade do capital público e privado investido em equipamentos e serviços urbanos, e uma periferia onde a omissão do Estado definiu seu conteúdo social (LAGO, 2015, p. 43).

1.1 O velho oeste carioca

*Bambas da boemia, retratam em poesias
Suas obras
imortaisA coruja que trago no
peito Nasceu numa mesa de
bar Campo Grande é o ninho
perfeito
Deixa serena¹⁵*

A hoje a popularmente conhecida Zona Oeste, recebera ao longo da História várias denominações. Esta mesma Zona Oeste, não é como de fato a região é concebida pela prefeitura do município carioca. Entendem-se como “Áreas de Planejamento” (AP) todos os espaços urbanos na cidade, dividida por numerações referentes às Regiões Administrativas. Pois bem, a Zona Oeste que antes fora Sertão e também Zona Rural é, na verdade, a AP-4 e AP-5, sendo composta por 41 bairros e 10 regiões administrativas (OLIVEIRA, 2017).

¹⁵ Sereno de Campo Grande – Samba Enredo de 2020 – Composição: André Baiacu/Carlinhos Ousadia/D’Arc/Fabio Braga/Fernando Amaro/Jaci Campo Grande/Marcelinho do Cavaco/Marcinho.com/Maurinho Da Júlio/Reinaldo Chevete/Sergio Alan/Solano Santos

Figura 2: AP5 e suas Regiões Administrativas.

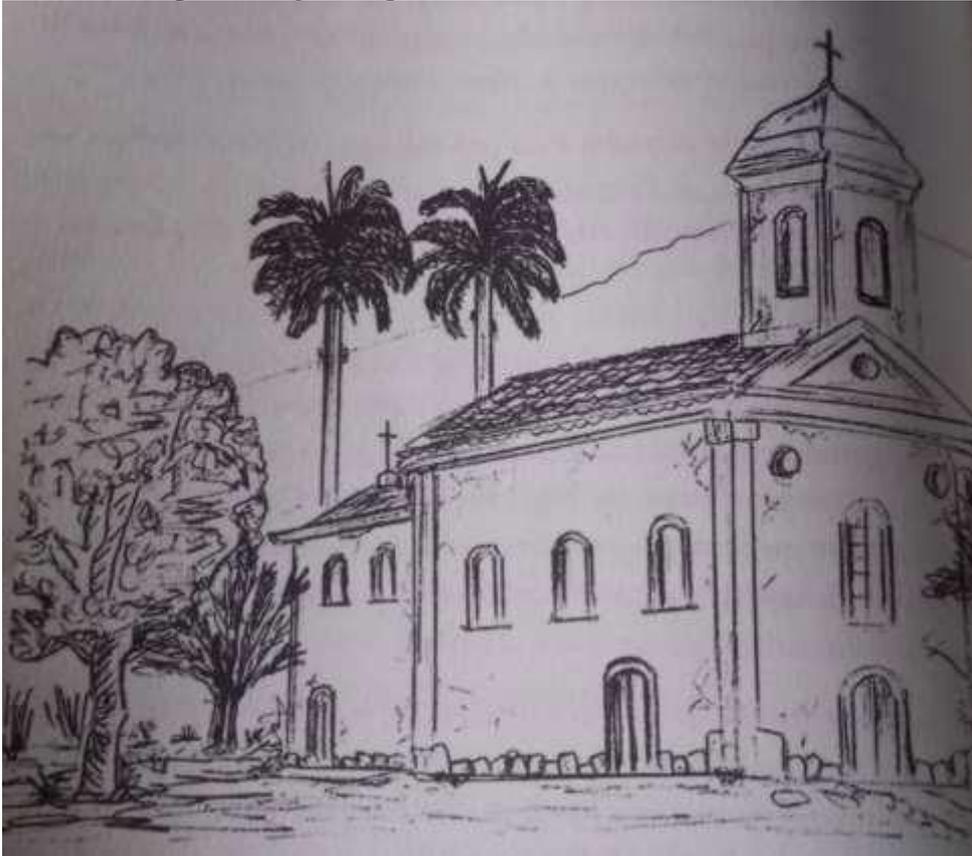


Fonte: IPP, Armazém dos Dados

O bairro mais populoso do Brasil na atualidade, com mais de 300 mil¹⁶ habitantes, é aquele cujo nome faz jus à sua dimensão desde que essas terras ainda pertenciam aos povos indígenas da tribo Picinguaba, desde os idos de 1569 – Campo Grande. Segundo Fróes e Gelabert (2004), nesse período o território ainda fazia parte da Sesmaria de Gericinó, sendo doada pelo governador colonial à Barcellos Domingues por volta do ano de 1670, mas apenas com a construção da igreja de Nossa Senhora do Desterro, em 1673, podemos de fato falar em ocupação do território.

¹⁶ O campeão brasileiro em população é Campo Grande, no Rio de Janeiro, com 336.484 pessoas distribuídas por 104,9 km². Disponível em: <https://www.geofusion.com.br/blog/mar-de-gente-veja-os-10-bairros-com-maior-populacao-no-brasil/>

Figura 3: Capela original de Nossa Senhora do Desterro¹⁷.



Fonte: VASCONCELOS, 2020.

Mas para que o bairro de Campo Grande de fato prosperasse, muito tempo se passou. Até o século XVIII, pouco se falava nele, muito em função das proporções ainda serem outrase pelo maior desenvolvimento de Santa Cruz, bairro vizinho que por conta da ocupação intensados padres jesuítas teve seu crescimento atrelado aos engenhos de cana-de-açúcar.

Na segunda metade do século XVIII o entorno da Igreja de Nossa Senhora do Desterro começa a ser ocupado e uma urbanização se faz crescente. O declínio do cultivo da cana-de-açúcar na região, dará espaço ao plantio de café, nova joia agrícola brasileira e coloca a região da Fazenda do Mendanha com um breve prestígio, superado pela região de Vassouras e Resende(OLIVEIRA, 2017)

No século seguinte, a chegada da linha férrea como uma estação¹⁸ no bairro desponta como vetor fundamental para a prosperidade da região, afinal com a chegada do transporte ferroviário a população rural teria facilitado seu acesso ao

¹⁷ Ilustração de Benevenuto Rovere, fonte consultada e imagem: Fazenda Bangu: a joia do Sertão Carioca. Paulo Vitor Braga da Silva, Benevenuto Rovere Neto. Rio de Janeiro, RJ: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020

¹⁸ Em 1878 a Estrada de Ferro Dom Pedro II inaugura uma estação no bairro de Campo Grande

urbano, que à esta altura já contava com um contingente de pessoas escravizadas, libertas e livres nas ruas da cidade (CRUZ, 2020) e agora rurais.

Figura 4: Quadro demonstrativo dos bairros que constituíam cidade e subúrbio entre 1799-1890¹⁹

Quadro 1. Cidade e subúrbios do Rio de Janeiro (1799 - 1890)

1799	1821	1835	1840	1854	1870	1872	1890
CIDADE							
Bá	De	Sacramento	Sacramento	Sacramento	Sacramento	Sacramento	Sacramento
Candelaria	Candelaria	Candelaria	Candelaria	Candelaria	Candelaria	Candelaria	Candelaria
S. José	S. José	S. José	S. José	S. José	S. José	S. José	S. José
Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita	Santa Rita
	Sant'Anna	Sant'Anna	Sant'Anna	Sant'Anna	Sant'Anna	Sant'Anna	Sant'Anna
	Lagôa	Lagôa	Lagôa	Lagôa	Lagôa	Lagôa	Lagôa
	Gloria	Gloria	Gloria	Gloria	Gloria	Gloria	Gloria
	Eng. Velho	Eng. Velho	Eng. Velho	Eng. Velho	Eng. Velho	Eng. Velho	Eng. Velho
				Santo Antonio	Santo Antonio	Santo Antonio	Santo Antonio
				S. Christovão	S. Christovão	S. Christovão	S. Christovão
				Espirito Santo	Espirito Santo	Espirito Santo	Espirito Santo
							Gavea
							Eng. Novo
SUBURBIOS							
Eng. Velho	Eng. Velho	Irajá	Irajá	Irajá	Irajá	Irajá	Irajá
Irajá	Lagôa	Jacarépaguá	Jacarépaguá	Jacarépaguá	Jacarépaguá	Jacarépaguá	Jacarépaguá
Jacarépaguá	Irajá	Campo Grande	Campo Grande	Campo Grande	Campo Grande	Campo Grande	Campo Grande
Campo Grande	Jacarépaguá	Inhaúma	Inhaúma	Inhaúma	Inhaúma	Inhaúma	Inhaúma
Inhaúma	Campo Grande	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba
Guaratiba	Inhaúma	Santa Cruz	Santa Cruz	Santa Cruz	Santa Cruz	Santa Cruz	Santa Cruz
I. Governador	Guaratiba	I. Governador	I. Governador	I. Governador	I. Governador	I. Governador	I. Governador
I. Paqueta	I. Governador	I. Paqueta	I. Paqueta	I. Paqueta	I. Paqueta	I. Paqueta	I. Paqueta
	I. Paqueta						

Fonte: Recenseamento do Distrito Federal, 1906. <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>

Fonte: CRUZ, 2020.

A região de Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz, tiveram papel importante na configuração do Império Brasileiro, não só pelo apelo da Família Real por seus vastos campos, como também pelos principais representantes dessa porção de terra que em certa fase intitulavam de Grupo Triângulo, força política composta por lideranças destas regiões (MOTA e PEIXOTO, 2006).

O foco deste grupo era manter a boa relação com o Império e seus principais aliados comerciais, então desde o abate do boi em Santa Cruz até a venda e transporte da carne para a cidade, tudo era feito na base dos contatos e sem quaisquer tipos de licitações, ainda segundo

¹⁹ Foto do quadro presente no livro “De Madureira à Dona Clara: suburbanização e racismo no Rio de Janeiro no contexto pós-emancipação (1901/1920)”, de Alline Torres Dias da Cruz, p. 13

Mota e Peixoto (2006), o líder deste grupo era o “Dr. Rapadura”²⁰, como era conhecido Augusto de Vasconcelos.

O sertão carioca detinha prestígio na primeira República com senadores representativos, abastados coronéis com práticas escusas de beneficiamento próprio na comercialização de carne e gêneros agrícolas, com certo apreço pela monarquia. Mas esse prestígio não se prolongaria por muito mais tempo. O Decreto de n.º 1.185 de 4 de janeiro de 1918, dividira o Rio de Janeiro em zonas distintas: urbana, suburbana e rural. Dessa forma, o capital de investimentos para as áreas deixou de ser tão abundante naquela agora conhecida como Zona Rural (OLIVEIRA, 2017).

Enquanto a cidade do Rio de Janeiro crescia para a Zona Sul com o estabelecimento, por exemplo, do Copacabana Palace Hotel, na década de 1920, os bairros mais ao fim da linha do trem permaneciam essencialmente agrícolas, em especial, Campo Grande, com seus laranjais que eram à base da economia da região entre os anos 1930 e 1940, cujo *slogan* “*Laranja no pé, dinheiro na mão*”²¹, dominava o comércio da época o que fez, neste período que Campo Grande, ao lado da Baixada Fluminense, fossem os maiores produtores e exportadores de laranja do país (MANSUR, 2008).

Estava claro como o governo pretendia continuar seus investimentos, cada vez mais enaltecendo a natureza e oportunidades da Zona Sul como área comercial e turística e deixando para as outras áreas o desenvolvimento daquilo que seria o apoio para a cidade, onde a população mais humilde pudesse viver sem atrapalhar a visibilidade da área nobre da cidade.

A Zona Oeste segue na sua função rural até o declínio da agricultura lá pelos idos da década de 1960 e a alcunha rural ganha cada vez mais força com o estabelecimento de inúmeras escolas rurais entre Realengo e Guaratiba, passando por Campo Grande. Era nítida a intenção governamental de estabelecer uma diferenciação entre esta área e as demais da cidade, a ruralização deste espaço era mais que um anseio, era um projeto de governo.

Ainda em função desde declínio agrícola, os espaços de plantações e sítios começam a ser alvo de loteamento, de uma especulação imobiliária crescente que muda a identidade da região e que abre espaço para o estabelecimento de novos empreendimentos comerciais, principalmente com o estabelecimento do Distrito Industrial de Campo Grande e Santa Cruz, na década de 1970, que abre os espaços dos terrenos, antes voltados para o plantio, agora usado

²⁰ Cognome dado por José do Patrocínio

²¹ *Slogan* usado pelos comerciantes da época para difundir a produção e venda das laranjas (MANSUR, 2008).

para receber indústrias de base ²².

Essa abertura permite que lideranças observem Campo Grande com novas aspirações e até mesmo a transição no status do território, de bairro para a cidade. Francisco Negrão de Lima, governador do Estado da Guanabara em 1968, promulgou a Lei 1627/68 reconhecendo a localidade de Campo Grande como cidade.

Lei número 1.627, de 14 de junho de 1968, projeto do deputado Frederico Trotta. O governo do estado da Guanabara, faço saber, que a assembleia legislativa do estado da Guanabara aprovou o projeto de lei número:181 de 1967 e eu promulgo, de acordo com o artigo 26, 3º, da constituição do estado, a seguinte lei: Art. 1º – É reconhecida como “Cidade” a localidade de Campo Grande, passando a denominar-se Cidade de Campo Grande. Art. 2º – Esta Lei entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1968 – 80º da república e 9º do estado da Guanabara. Francisco Negrão de Lima, Álvaro Americano, Arnaldo Salgado Mascarenhas, Gonzaga da Gama Filho, Althemar Dutra de Castilho, Humberto Braga, Cotrin Neto, Raymundo de Paula Soares, Hildebrando Monteiro Marinho, Luiz de França Oliveira, Augusto do Amaral Peixoto, Dirceu de Oliveira e Silva, Victor de Oliveira Pinheiro e Lecy Neves.

Mas, neste Brasil de idiossincrasias, este é um exemplo de lei que não teve “validade prática”, no popular, “não pegou”. Sem apoio das lideranças locais e menos ainda da população, que seguiu sua vida alheia à existência desta lei. Campo Grande seguiu seu caminho de crescimento populacional por toda a segunda metade do século XX.

1.2 Um Campo Grande de novas centralidades

*“És um
bairro tão belo
Que a
Deus eu peço pra te
proteger
E olhar para
uma realidade que
Um lado da mesma cidade não vê”²³.*

Engraçado pensar como meu olhar sobre esse território mudou ao longo do tempo. É fato que tive muita resistência em aceitar minha nova realidade e que fugi

²² Principalmente siderúrgicas, como a Cosigua-Guerdau e em outras frentes como a Valesul e a Michelin

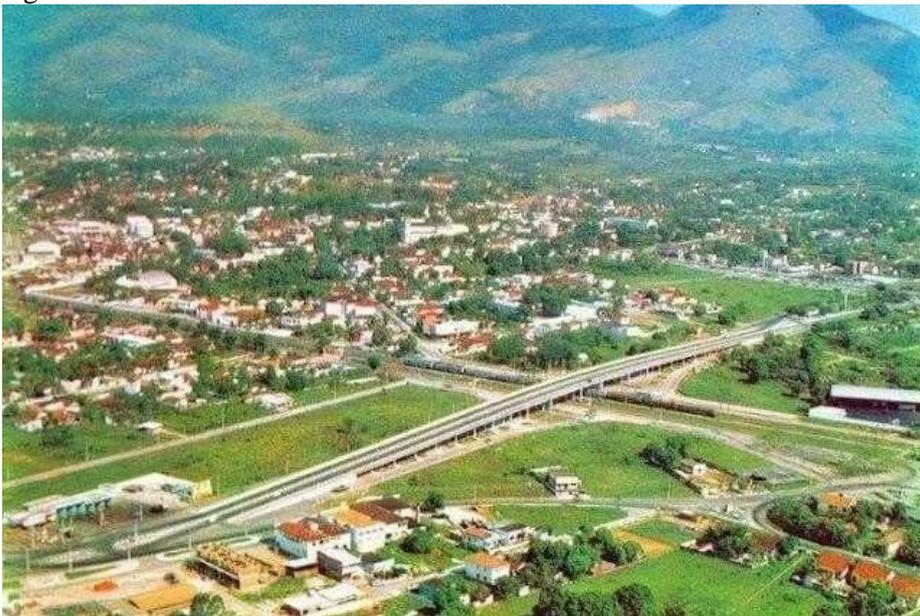
²³ Onde aprendi a sambar – Lucas Machado. Compositor da nova geração, sambista e morador de Campo Grande, integrante da roda Samba D’Aurora, que promove rodas de samba mensais no bairro, atraindo novos e antigos admiradores de samba na zona oeste.

todas as vezes que pude para os lugares de conforto da minha memória, nenhum deles aqui. Me vi imbuída de pré-conceitos estereotipados de que essa é uma área sem atrativos, sem potencial de crescimento e extremamente violenta, ainda que nunca sofresse ou presenciasse atos violentos. Sempre foi mais fácil me deixar levar por essas narrativas do que de fato me abrir para o mundo de novas oportunidades à minha frente.

Minha mente insistia em pregar-me peças. Sentia-me confortável com as memórias coloridas de tempos outros onde era tudo mais fácil e colorido. A memória dos eventos que vivi fora de Campo Grande eram sempre melhores e mais aconchegantes, sempre cheias de possibilidades em contraste à uma realidade em tons de cinza, nubladas por um futuro que eu me recusava a aceitar e não me permitia querer.

No início dos anos 2000, eu estava terminando a escola, concluindo o Ensino Médio e, me recordo da fala de um professor de geografia que dizia que em dez anos, segundo as estimativas dele (baseando-se em dados geográficos que eu não me preocupei em perceber), o bairro de Campo Grande estaria no ápice de seu crescimento urbano, com inchaço populacional com mais veículos em suas ruas do que se poderia imaginar ou elas poderiam suportar. Ele falava com uma certeza que nos fazia desdenhar, tamanha era para nós a impossibilidade daqueles fatos. Mas não é que ele estava certo?

Figura 5: Foto do Viaduto Alim Pedro



Fonte: Wikimapia²⁴, 2022.

²⁴ Disponível em <http://wikimapia.org/1558704/pt/Viaduto-Prefeito-Alim-Pedro> - acessado em maio de 2022.

Figura 6: Viaduto Prefeito Alim Pedro em Campo Grande ²⁵.



Fonte: MORIER, 2009.

Campo Grande é um bairro que através do tempo, foi se tornando central, não em relação à capital do município, mas vislumbrando a periférica zona oeste carioca. Por aqui temos dialetos próprios para se tratar da imensidão do bairro, que para melhor compreensão de seus moradores, é identificado pelos chamados sub bairros, que nada mais são do que os nomes dados aos loteamentos pelas imobiliárias da região. Uma das mais conhecidas e antigas é a “Irmãos Araújo”²⁶, responsável pelas primeiras vendas de lotes na região e, que para facilitar seu controle administrativo, nomeou cada um desses loteamentos com o nome de uma das mulheres de suas vidas, filhas, esposas, sobrinhas. É sabido na região que se o sub bairro tem nome de mulher ou de santo, é dos Irmãos Araújo. Eu mesma moro em um deles, um dos maiores e mais antigos sub bairros, o “bairro Adriana” que cresceu em torno de uma escola construída pela mesma construtora nos idos de 1984, a Escola Municipal Alzira Araújo.

Os bairros periféricos e suburbanos da cidade do Rio, são em sua maioria divididos pela linha férrea, com Campo Grande não seria diferente, o que rende as mais diversas explicações e perguntas entre os moradores: você é do lado de cá ou de lá de Campo Grande? Perguntas outras como: Vamos à Campo Grande? Mesmo já estando no bairro, mas sendo essa uma

²⁵ Vista aérea do Viaduto Prefeito Alim Pedro, que faz a ligação entre as duas partes de Campo Grande ao se sobrepor à linha férrea, parte central do bairro

²⁶ Fundada em 1955, a ECIA – Irmãos Araújo é uma empresa de engenharia concentrava suas atividades iniciais direcionadas para a topografia e que com o passar dos anos passaram a atuar na construção de loteamentos, construção de casas e prédios residenciais

referência ao centro comercial e financeiro do bairro, onde estão a estação de trem, a rodoviária e o enorme calçadão, onde lojas dos mais variados itens disputam atenção dos consumidores.

Essa divisão ficou mais acirrada quando do estabelecimento dos shopping center na região. Embora o primeiro *shopping* da zona oeste seja o Barra Shopping, datado de 1981, somente na década seguinte um *shopping* center se tornaria símbolo da zona oeste extrema.

Trata-se agora como o lado do West Shopping²⁷ (o que para muitos seria o primeiro *shopping*) ou o lado do Park Shopping²⁸. Temos ainda, em outro extremo do bairro, um reduto gastronômico e de lazer ecológico, a região do Polo Gastronômico e Cultural do Rio da Prata²⁹, que recebera esse *status* com o Projeto de Lei n.º 948/2014 de autoria do vereador Thiago K. Ribeiro, de 1 de setembro de 2014. A região que já era foco da forte especulação imobiliária por conta dos muitos terrenos e sítios, voltados para a área de eventos, agora conta com mais esse atrativo comercial.

Sem contar a cachoeira do Mendanha, dentro do Parque Estadual do Mendanha³⁰ que conta com uma área de 4.398,10 hectares, abrangendo os Municípios do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Mesquita. O parque ainda não possui uma sede fixa nem políticas públicas que lhe permitam ser um atrativo, tal como ocorre em outros parques naturais como o da Floresta da Tijuca/RJ, por exemplo.

²⁷ Construção iniciada pela ECIA – Irmãos Araújo em 1997

²⁸ Inaugurado pela Multiplan em novembro de 2012

²⁹ Projeto de Lei n.º 948/2014 de autoria do vereador Thiago K. Ribeiro, Art. 1º Esta Lei reconhece como Polo Gastronômico e Cultural da Cidade do Rio de Janeiro o espaço urbano compreendido entre a Estrada do Cabuçu e o Largo do Rio da Prata, localizado no bairro de Campo Grande. Art. 2º A área objeto desta Lei fica denominada “Polo Gastronômico e Cultural do Rio da Prata”, podendo os estabelecimentos instalados na área utilizar essa denominação como referência.

³⁰ Criação do Parque Estadual do Mendanha, disponível em: Decreto Estadual nº 44.342, de 22 de agosto de 2013.

Figura 7: Parque Estadual do Mendanha.



Fonte: PIMENTEL, 2022 ³¹.

Outro atrativo desse Campo Grande é a Serra da Posse³² que passa por reflorestamento e vem sendo alvo de projetos políticos que pretendem valorizar ainda mais a região.

Por iniciativa dos próprios moradores dos pés da Serra, preocupados com a possibilidade da ocupação irregular e da feroz especulação imobiliária que na última década encontrou seu pico de desenvolvimento na região, se uniram em um coletivo intitulado “Nosso Bosque”³³, formado por moradores do entorno da Serra da Posse, tem o objetivo de conscientizar a população, através da educação ambiental, sobre a recuperação dessa área. Conta com colaboradores e voluntários que atuam desde o plantio de mudas na região, como com passeios exploratórios nas trilhas e grupos que se empenham na observação e fotografia de pássaros. O espaço que já conta com um mirante, fruto dos esforços dos moradores, costuma reunir admiradores do pôr do sol que encontraram um local para socializar e divertir-se em meio a natureza.

³¹ Acessado em maio de 2022

³² Serra da Posse é uma colina que tem uma altitude de 204 metros. Localização: Rio de Janeiro. Serra da Posse está situada perto de Morro da Posse, no bairro de Campo Grande

³³ O Nosso Bosque é uma área pública onde são desenvolvidas atividades de educação ambiental e ações de reflorestamento. Já foram plantadas mais de sete mil árvores no espaço. <https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-do-rio-em-parceria-com-o-projeto-nosso-bosque-promove-limpeza-e-plantio-de-muda/>

Figura 8: Serra da Posse com os sub-bairros campo-grandenses no entorno.



Fonte: NOSSO BOSQUE³⁴, 2022.

O sub bairro “Jardim Adriana” é um dos que estão aos pés da Serra da Posse, e é onde vivo há mais de vinte anos. A pergunta que me faço ao escrever sobre Campo Grande é: por que demorei tanto para observar com carinho o bairro que me abriga há tato tempo?

Talvez esse texto seja um pedido de desculpas e o reconhecimento de que outras centralidades da cidade são tão importantes e especiais como centro histórico do Rio Antigo.

³⁴ <https://www.facebook.com/nossobosquerj/photos/a.148096850272219/496399545441946/>

2 A JUVENTUDE BAMBA DOS ARREDORES CAMPO-GRANDENSES: CRIADORES E CRIATURAS

“Eu nasci com o samba, no samba me criei. Do danado do samba nunca me separei”. (Samba da minha terra – Dorival Caymmi)

Não escrevo sobre samba por modismos nem por conveniência. Escrevo sobre como vivo e convivo com tudo que vem além das melodias. Assim, como também, não escrevo sobre Campo Grande, como fruto da terra e sim como aquela que relutou em entender que essa era sua realidade não transitória, mas sim com ares de permanência difíceis de aceitar.

Nasci em Botafogo e cresci no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Meu fascínio pela cercania dos espaços das tias baianas, lembrando de Tia Ciata³⁵, começou bem antes que eu pudesse entender que lugar era aquele e sua importância para o samba e para a história da Cidade Maravilhosa, onde nasci há 38 anos atrás. Para mim, a Praça Onze de Julho era apenas o endereço que decorei quando criança, caso me perdesse de minha mãe.

Foi no edifício Onze de Julho que aprendi a sambar, olhando atentamente os passos dela e ávida em frente a tv, companhia de todo dia. Do alto do décimo oitavo andar, em cima de um banquinho para alcançar a janela, debruçada sobre ela, observei o ir e vir dos carnavais da minha Estação Primeira de Mangueira, haja visto que o barracão onde os desfiles ganhavam vida, ficava bem atrás do meu prédio, ao alcance dos meus olhos atentos e apaixonados. Não sei dizer o que me fez mangueirense, só me permito sentir, torcer e amar.

Ano após ano, de fantasia em fantasia, confeccionadas por minha mãe e madrinha, lá ia eu atrás da verde e rosa. Ansiosa por ver seus carros e tirar fotos e mais fotos em todos os cantos possíveis, seguindo a fila que crescia pela Presidente Vargas³⁶. Mal dormia de ansiedade. Munida do meu saquinho de confete e serpentina, corria para ver de perto os carros que lá da minha janela pareciam tão pequenininhos.

O samba lá em casa era canção de ninar. Era a trilha sonora das tardes de domingo. Era o cantarolar de minha mãe enquanto preparava a comida. Eu era aquela criança que cantava Clara Nunes (grande paixão da minha mãe) na escola e performava Alcione nos recreios.

³⁵ Tia Ciata – Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata foi uma cozinheira e mãe de santo brasileira, considerada por muitos como uma das figuras mais influentes para o surgimento do samba carioca.

³⁶ Avenida Presidente Vargas, centro da cidade do Rio de Janeiro, local onde os carros alegóricos seguem estacionados a espera de sua entrada no Sambódromo

Crescer no centro da cidade me fez uma criança curiosa, que andava olhando para cima, fascinada com os prédios antigos do centro histórico, passeio de toda semana, fosse para “bater perna” no Saara, ou correr livremente pelo Campo de Santana, que eu achava ser só meu, onde sozinha brincava de pique esconde com as estátuas que simbolizam as estações do ano – morri de medo do “senhor” Inverno – e fazia o monumento central de escorrega.

Fosse jogando migalhas para os pombos ou procurando o pavão que de tão misterioso, quase nunca dava o ar da graça. Foi assim que me apaixonei por história, mas não qualquer história, pela do Rio, que me viu crescer andando por suas centenárias e encantadas ruas. Ah, a rua... que fascínio louco é esse que ela exerce sobre mim? Ainda não consigo explicar, mas sem ela não há como se chegar em lugar algum. Sigo-a.

Minha mãe, umbandista, me colocou para estudar numa das mais tradicionais escolas católicas da cidade, o Educandário da Misericórdia, em Botafogo, uma das escolas sob a gestão da Santa Casa de Misericórdia. Colégio de arquitetura imponente, construção centenária de ensino primário, religioso e só para meninas. Incrustado no pouco que resta da espetacular Mata Atlântica, cercado por belezas naturais e espaços para uma mente fértil se desenvolver enquanto subia sua longa ladeira de paralelepípedos. Impossível subir sem colher flores para a professora favorita e de parar em frente a gruta de Nossa Senhora que marcava a metade do caminho. Lá aprendi a ler, a escrever, e rezar. Comecei a praticar a fé que me era ensinada como lição escolar e que me parecia natural.

Aos finais de semana, nas minhas “viagens” à Campo Grande, encontrava outro espaço de fé, mas essa praticada por minha mãe. Lá no terreiro da tia Catarina, zeladora de santo de minha mãe, uma senhorinha tão gentil e amável que me permitia chamá-la de vó (ancestralidade pura e manifesta que me faltava meios de compreensão), eu chegava animada pois sabia que teria espaço para correr e meus primos para brincar. Lembro que durante as sessões, eu me sentava quase que na barra da saia de minha mãe, bem perto do Gongá (ou Congá)³⁷ num terreiro de areia que me lembrava a praia e com imagens dos mesmos santinhos que via todo dia na escola. Sempre me pareceu natural. Não fazia distinção. Cantava na escola os pontos da Jurema com a mesma alegria que performava Alcione ou Clara. Nunca fui repreendida por isso e de fato não teria por quê. Me sentia em casa.

A primeira mudança de fase me tirou do lugar que cresci amando e me jogou num lugar de afeto, de férias, da curimba de mamãe, mas que nunca pensei em morar, Campo (longe) Grande. Me parecia tão longe que toda vez que eu ia para lá, dizia na escola que estava viajando

³⁷ Gongá ou Congá – palavra de origem africana que dentro da Umbanda designa o altar onde as imagens dos santos católicos, caboclos, pretos velhos e outros elementos da crença umbandista estão presentes.

para a casa da titia. Minha mãe, cautelosa e preocupada, como sempre, achou mais prudente sair do aluguel e comprar algo para gente.

A opção dela foi ir pra junto da família, ora, todas as irmãs e irmãos moravam em Campo Grande, destino mais que óbvio para sua escolha. Alguns dividindo o mesmo terreno da casa de meus avós, outros mais distantes. Minha mãe tinha seu pedaço de chão assegurado nos fundos do terreno e por mais fácil que pudesse parecer construir ali nunca foi uma opção para ela. A adolescente em mim não queria ir para tão longe da praia, tão longe do Campo de Santana, tão longe do aterro, mas nem sempre as coisas saem como planejamos em nosso universo particular.

Campo Grande para mim, era o lugar cheio de pracinhas onde eu brincava na rua com meus primos e via os cavalinhos passearem. Era lugar de afeto e de memórias compartilhadas que me bastavam nas férias. Acontece que agora eu teria que aprender a andar por suas ruas e conhecer seus cantos, me aventurar por seus becos e vielas e entender que esta era minha nova realidade. Não foi fácil. Não me permiti olhar para o lugar que agora era meu lar com afeto, só com impaciência e saudade da minha Praça Onze.

Cheguei em Campo Grande com 13 anos e me vi crescendo em um bairro em forte desenvolvimento. A zona rural dava cada vez mais espaço à uma zona oeste em expansão, foco de uma crescente especulação imobiliária e se tornando um acesso atrativo aos que buscavam proximidade ao porto de Itaguaí. Mas ainda assim me parecia o bairro das férias de criança, e cada chance que eu tinha de me afastar, eu ia.

Até que minha mãe comprasse nossa casa, eu fiquei morando com minha tia e ela no nosso apartamento, só nos víamos aos finais de semana, uns eu ia com titia, noutros ela vinha para cá. Nesse ínterim, o terreiro de Tia Catarina fechou, após sua passagem e mamãe ficou um tempo sem encontrar outra casa de axé. Eu, que já não estava mais na escola da minha infância, me vi numa escola também religiosa, só que agora protestante, mista e muito diferente de tudo que eu conhecia. Próximo à casa de titia, uma igreja católica. Fui visitar, incentivada por minha madrinha que queria que eu socializasse mais. Comecei a frequentar, motivada pelo curso de crisma, chance de conhecer novas pessoas. Me encontrei lá. A igreja agora não era mais uma disciplina escolar, era uma escolha.

Assim como eu me encontrara, mamãe também se achou em um novo barracão, agora a Choupana do Boiadeiro Lajedo era seu novo lar. Onde eu ia em toda sessão, não mais para sentar sob suas saias, mas para lhe acompanhar na assistência. Uma mudança me chamava atenção, na escola, de cristandade rígida, meus cânticos eram censurados, o que me deixava bem desconfortável. Parecia que lá, qualquer outra religião era condenada e isso me

incomodava muito. Minha fé seguia cristã, mas apaixonada pelo diverso. Não entendia quem dizia que macumba era “coisa do diabo”, não podia concordar, ora minha mãe era macumbeira e nunca ouvi ela falar em diabo. Alguma coisa não parecia estar certa.

O tempo passa, os pensamentos se solidificam, o entendimento vem, mas a saudade me fez buscar na graduação, o meu primeiro amor. Corri sedenta para a Candelária, para o campus da então Universidade Gama Filho (UGF), que unia minha paixão por história e a proximidade do centro histórico das ruas encantadas que ganhara minha alma. Parecia um sonho realizado, sair da aula, pela hora do almoço e desbravar as ruas da minha infância, agora sozinha, com meu olhar sobre o que cresci vendo. Caminhar de sebo em sebo, na busca por alimentar minha paixão pelo passado e principalmente, me deixar mais perto do lugar que eu ainda não me conformara em ter saído. Era a minha chance de retorno.

Mas minha felicidade foi interrompida pela crise e pela incerteza da continuidade. A UGF não andava bem das pernas e com medo de não conseguir concluir, me transferi. Tentei outras pelo centro, mas não consegui e acabei chegando à então conhecida como “Casa do Professor”, a Fundação Unificada Campo-Grandense (FEUC), em Campo Grande, pertinho de casa. Cheguei cheia de pré-conceitos. Achando que não faria nada mais além de concluir minha graduação em História. Mas já no primeiro crédito que preenchi, meu coração se alegrou. A aula era de “História do Rio de Janeiro”, poderia então passar meses relembrando o início da nossa sociedade e revisitando os lugares da minha infância.

Sim, nostalgia pouca é bobagem. Nessa aula, tive o prazer de conhecer um cara que mudou minha concepção sobre como entender a história, seu nome é Luiz Antônio Simas, e em cada aula, eu viajava nas minhas memórias, guiadas pelas dele, e entendia através da palavra cantada, em sambas essenciais, como era importante entender a cidade através das pessoas que por ela transitavam. Simas com seu cavaco embaixo do braço, misturava samba, curimba e festas populares para explicar nossa história e me fez entender a relação dos povos da Jurema que cresci vendo no terreiro de tia Catarina, passando pela boemia do povo de rua, com sua malandragem que me intrigava, por vezes assustava quando criança e me fascina até hoje.

Encantamento e reflexão, pois foi em Campo Grande que tive acesso a esse conteúdo e por estar numa faculdade importante para a região, me desarmeí dos ranços que eu mesma me impus e olhei com mais carinho para esse bairro que sempre me acolheu. Finalizei minha graduação falando dos processos urbanísticos da cidade que puseram fim ao morro do Castelo, e nessa monografia mergulhei no Rio de Janeiro do início do século XX e me deparei com ela, sim Tia Ciata e sua Pequena África. Novamente o samba me captura.

Segui para UFF para me especializar em Rio de Janeiro, claro e no decorrer da pós-

graduação, escrever sobre o samba e a cultura era uma necessidade. Mas a vida segue seu próprio itinerário e antes que eu pudesse entregar meu Trabalho de Conclusão de Curso, minha mãe faz sua passagem e me deixa sem rumo, sem força e sem condições de concluir meu texto. O samba ficou para trás. De real só existia dúvida e solidão. Crise de fé, não em Deus, mas nas pessoas e no “ideal cristão” que não me foi oferecido nesse período, ao menos não de onde eu imaginava.

Eu era membro ativo da juventude católica, sempre com a casa cheia de amigos nos pós missa para fechar o domingo, o que minha mãe adorava. Após a passagem dela, minha casa ficou vazia até mesmo destes que eu considerava amigos. Sem colo sem consolo. De onde eu menos esperava, veio a mão estendida. A segunda família dela, o povo do axé. As pessoas que viam nela tudo o que eu via e por extensão do carinho que tinham por ela, me acolheram em seu espaço, me oferecendo a companhia que eu precisava para caminhar. E não foi a mais fácil das caminhadas não. Conheci o pior de mim numa depressão profunda que só foi superada com medicamentos controlados e muito acompanhamento psicológico. Naquele axé, que eu só ia acompanhar minha mãe, encontrei um lar e um novo entendimento religioso, um novo ideal, onde vi mais do que fora pregado por Cristo do que dentro dos muros daquela dita como sua igreja.

Mergulhei de cabeça, não sei ser diferente. Quis entender aquela forma de acessar o sagrado, tão diferente e ao mesmo tempo tão familiar. Me vi imersa numa forma de criação coletiva, cuja fé nos Orixás, nos Caboclos da Jurema, nos Povos de Rua e nas orações cristãs me pareciam o caminho necessário para que eu pudesse caminhar. E assim, fui.

Foquei na minha vida adulta e trabalhadora. Professora em tempo integral, em Campo Grande, lugar que já não tinha mais meu desprezo, só minha gratidão. E foi numa dessas aulas, com um projeto para a feira de cultura de 2017 que o samba me atravessou. A ideia era falar sobre os poetas populares e eu, mais que depressa, escolho Cartola e Noel. Duas turmas, muito trabalho. No curso desse projeto, herdei Dona Ivone Lara e mais uma turma para trabalhar. Nós, tínhamos que apresentar as salas com as temáticas dos artistas, com linha do tempo de suas vidas, características de suas jornadas e uma apresentação musical/cultural.

Como meus artistas eram todos sambistas do Rio de Janeiro boêmio, resolvi por montar, junto com os alunos, seus lugares de origem, com maquetes da Mangueira de Cartola, da Vila de Noel e da Serrinha de Dona Ivone. Para além da maquete, os alunos montaram a estrutura de um bar da primeira metade do século XX, com caixotes de madeira que se tornaram o bar, com fotos nas paredes remontando a cronologia de cada artista e no centro da sala uma mesa à espera dos bambas, nos moldes dos quintais do Cacique de Ramos.

Além da montagem do espaço, cada turma ficava responsável por uma apresentação cultural, ah, não pude resistir à roda de samba. Selecionei os alunos que tocavam instrumentos e a roda estava formada. Foram dois dias de feira, nossa roda se apresentou duas vezes no primeiro dia e uma vez no segundo. Para a apresentação final, fui questionada por um aluno se ele poderia trazer os amigos que tinham um projeto de samba que incluía tocar em locais de ensino. Eram eles, o Fruta do Pé, jovens rapazes tocando e cantando os sambas a raiz do nosso samba. Mais que depressa aceitei e no dia seguinte um grupo de meninos veio ajudar na nossa festa.

Figura 9: Maquete sintetizando referências das comunidades da Mangueira, Serrinha e Vila.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 10: Foto da sala acimatada à um típicobotequim carioca.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A sala não foi suficiente para comportar tanta gente. Alunos de outras salas vieram ver, pais, professores, funcionários, todos queriam ver o festejo. Tivemos que ganhar o pátio, não coubemos mais numa sala de aula. Naquela sexta-feira de julho de 2017, numa apresentação escolar, conheci os meninos que mudariam minha forma de entender o samba feito em Campo Grande, mal sabia eu que aqueles meninos cruzariam meu caminho mais uma vez.

Figura 11: Parte das turmas do 3º ano do EM na feira de cultura de 2017.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

O evento foi lindo.

O ano agora é 2019, e sou convidada a conhecer um projeto de roda de samba chamado Fruta do Pé, nos arredores de Campo Grande, na área conhecida como Inhoaíba. O nome encheu meu coração de alegria, seriam aqueles meninos que outrora abrilhantaram a feira de cultura?

Sim. A felicidade foi tanta ao perceber que eram eles e que não mais meninos, agora jovens, donos de si, sabedores do que querem e de como fazer um belo samba. No quintal da matriarca, dona Marli, não era a tamarineira, mas sim uma frondosa mangueira, plantada junto com os alicerces da casa. Sob sua copa, alguns balanços para as crianças e as barrquinhas com os petiscos que sustentam a farra.

Mais ao centro do espaçoso quintal, uma cumprida mesa, com uma bela toalha com estampa africana, sobre ela, fé. A moringa, o preto velho, a ancestralidade expressa naquele

altar da música. Me encontro com aquele menino, com ares de homem feito, que em quase nada lembrava o franzino rapaz que tocou lá na escola. Como cresceu. Como seu samba ficou potente. Nos muros que cercam o quintal de dona Marli, fotos representativas, de pessoas, personagens, personalidades negras, que influenciaram a caminhada deles. Discos de vinil e o tão almejado certificado que os incluía, oficialmente, na rede carioca das rodas de samba. O samba da zona oeste extrema estava marcado na agenda municipal.

Figura 12: Foto de divulgação do Projeto Fruta do Pé.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021 a.

2.1 Afetações de uma escrita pandêmica

Ouça-me bem, amor
 Preste atenção, o mundo é um moinho
 Vai triturar teus sonhos, tão mesquinho
 Vai reduzir as ilusões a pó.

O mundo é um moinho – Cartola

Este capítulo é um retrato da construção de uma escrita que vem sendo diretamente afetada pela pandemia, que não só mudou meus rumos pessoais, como profissionais e que diretamente se relacionam com a maneira como me derramo nesse texto.

Todo meu processo acadêmico é impactado por essa nova rotina, novos modos de enxergar a vida e de como viver reclusa. Não sou exceção, muito pelo contrário, nessa caminhada eu estou bem mais para regra.

Trago comigo traços de um psicológico confuso que se mantinha razoavelmente bem na correria do dia-a-dia. Acordar cedo, sair para dar aula, cada dia em um canto diferente da cidade. Atravessar a Avenida Brasil, entrar em outro município, chegar à FEBF, estudar, e voltar para casa, para que no dia seguinte, tudo começasse de novo. Meu tempo era tão preenchido que mal sobrava espaço para eu me perceber dentro das minhas confusões.

Um 2020 começando tão promissor, levando embora o gosto de um 2019 difícil, pesado, traumático, que me pôs em casa, quebrada, física e mentalmente. Ah, como eu queria um 2020 a mil por hora, para repor toda inércia do ano anterior. Tanto por fazer, qualificar, finalizar as disciplinas do mestrado, escrever artigos, submissão de trabalhos. Estava tudo indo bem. Fui aceita para dois congressos internacionais, e minha maior preocupação era como arrumar dinheiro para ir para Portugal.

Mas o mundo realmente não gira em torno do meu umbigo e minhas necessidades dizem respeito a mim e somente a mim. Um mundo chocado pela letalidade de um vírus que era desconhecido do grande público. Assistimos incrédulos às notícias do mundo inteiro e da rapidez com que o contágio se dava. Quanto tempo levaria para nos alcançar? O que fazer para nos preparar?

Qualquer gestão consciente, fosse ela de uma república ou monarquia, observaria os acontecimentos e buscaria não cometer erros para os quais já houvessem respostas. Mas, infelizmente para nós, vivemos um retrocesso humano que se estende as esferas políticas que tendem ao sombrio período medieval, onde tudo era justificado por uma vontade divina que era proclamada pelos que se intitulavam representantes de Deus. Por mais insano que se possa parecer, é nesse Brasil que vivemos e é esse desgoverno que nos levou para um ano de perdas absurdas e medidas fracassadas de saúde pública.

Esse 2020 nos impõe o resguardo, o zelo e cuidado. A reclusão. E nessa de cuidar de si, mas quem cuida de nós? Me vi em casa, sozinha. Não deveria me espantar, vivo assim há dez anos, mas a diferença com a qual eu não contava estava na impossibilidade de sair. No medo de encontrar pessoas, no pânico de encostar em qualquer coisa. Tudo é perigoso. A rotina que mantinha minha mente sã não existe mais. Agora meu contato com o mundo é através da tela do computador. Meus dias são silenciosos, não tenho com quem falar. Meu refresco são as aulas, onde consigo trocar, brincar, rever meus alunos e ouvir outras vozes.

A universidade em suspenso, seria o momento perfeito para escrever meu texto, adiantar

minha pesquisa. Mas meu campo é a roda e ela vive da aglomeração. Demorei a entender que eu poderia e deveria olhá-la para além de sua manifestação física.

Nesse período de silêncio criativo, pensei em desistir, ora, é fácil para mim sumir. É comum. Já estou acostumada. Quantos cursos comecei e não terminei. Fui até o fim e não concluí. Sumi. Sai. Fugi. Estava prestes a fazer o mesmo, mas dessa vez, algo fundamental não me deixou ir, o apoio de uma rede de mulheres pretas que me acolheram desde o início dessa caminhada acadêmica e que com a pandemia, foi fundamental. Nosso grupo se chama Pretas Mestrado, e através do *WhatsApp*, nos conecta em uma troca de experiências que foi essencial para minha permanência. Ali, mulheres pretas dos mais diversos cantos, se unem para se apoiar na escrita, no processo, na caminhada acadêmica. Foi ali que eu entendi o que significa a frase que tem sido tão falada nesses dias “ninguém solta a mão de ninguém”. Sem elas eu não estaria aqui.

O segundo semestre de 2020 nos apresenta novos contornos de desespero, precisamos terminar o mestrado, sim, *on-line*. Disciplinas para concluir e um Seminário Discente para organizar. O primeiro seminário a acontecer no ambiente virtual. Pela primeira vez, tudo teria que ser ajustado de longe, com novas abordagens de produção, que nos ampliaram possibilidades, mas também nos impuseram grandes desafios. Ao menos tivemos a sorte de ganhar orientadores que jogaram junto, que nos mostraram que seria difícil, mas não era impossível, que nos fizeram entender como poderíamos colocar nosso bloco na rua e por isso, só tenho a agradecer. Obrigada Ana Paula Alves Ribeiro. Obrigada Luiz Rufino.

Terminamos o 2020 com muito esquematizado, mas com tanto para se fazer. Ao passo que o seminário andava, minha escrita empacava. Eu não conseguia pensar, não entendia como colocar no papel tudo o que eu tinha para dizer. Observava alegremente a qualificação dos meus colegas e me desesperava por não ter chegado a minha vez ainda. E de verdade, achei que não chegaria. Me deixava consumir pelas vozes do meu inconsciente que insistiam em dizer que eu não tinha mais nada para dar. E elas já estão comigo há tanto tempo que quase dei razão a elas. Eu disse quase. Dessa vez elas encontraram séria concorrência, minha rede de apoio não fala, ela grita. E dessa forma, devagar, fui escrevendo, fui acreditando, fui me desarmando.

O seminário se aproxima e dentro dos grupos de trabalho (GT), muito por fazer. Muitas ideias surgindo, muitos nomes para convidar, faremos três dias, ou dois dias, quem chamar? Muito ego envolvido e adultos viram pré-adolescentes dignos da 5ª série B, ou a terceira turma do 6º ano, aquela que professor nenhum está disposto a encarar numa sexta-feira à noite. Mas fomos. Seguimos e por conta deste seminário, eu que estava dentro do GT de Artes e Oficinas, sugiro que a roda de samba que eu estou pesquisando fizesse parte de algum dos momentos. E

assim foi. Muitas ideias perdidas e nomes descartados depois, e eles ainda estavam lá, agora confirmados como atividade cultural de encerramento do evento. Tudo certo, eles iriam tocar, eu iria fazer uma mediação, tudo *ok*. Mas nem tanto também...

Ao passo que nos envolvíamos com as atividades, uma nova demanda surgia, a de um grupo de trabalho que fosse o suporte técnico do evento. Esse novo GT contaria com dois integrantes dos GT's que já existiam e do de artes, fomos eu e Sarah. Até aí, tudo bem. Eu estava em dois grupos, mas um monte de outros colegas também estavam. Daria tudo certo.

Mas estamos em pandemia ainda, né, e por mais cuidado que tenhamos, por menos que saíamos de casa, ainda estamos vulneráveis ao vírus. Minhas tias, já idosas, moram sozinhas e eu quem faço as vezes de rua para elas, seja de mercado a farmácia, pois mesmo tendo a possibilidade de compras on-line, não há quem as convença de que a mercadoria que virá é confiável. Em mim elas confiam, até porque sigo metodicamente o roteiro de mercado que passei a vida inteira assistindo-as fazer.

Pois bem, as duas tiveram covid e precisaram de todo o meu apoio. Ficava lá para alimentar, limpar, e o que mais fosse preciso. Nesse mesmo período, fui desligada da escola em que trabalhava há dez anos. Nem tive tempo de pensar nisso, precisava cuidar delas. E o mestrado? Não dava conta não. Após a plena recuperação das duas, que graças a primeira dose da vacina que elas já tinham tomado, fez com que a doença viesse de forma branda, eu acabo adoecendo também. Fui para casa e me cuidei, em alguns dias bem, em outros não. Nesse período de medo por estar doente, sendo asmática e hipertensa, todas as vozes do meu inconsciente gritavam sem cessar. Nem sei como as calei. Passei por esse vírus, com febre e cansaço. Nem acredito que passei.

Mas e o seminário, hein? Pois é, vamos a ele. Cada dia mais perto, cada vez mais coisas para dar conta e eu comecei a entender que aquele grupo de trabalho, novinho, cheio de gente bonita, me daria mais trabalho do que eu imaginava. Aprender a mexer numa plataforma on-line diferente, conversar com os técnicos da FEBF mais tempo do que eles gostariam, tirar as dúvidas dos colegas mesmo tendo todas elas comigo, dividir, planejar, escalar. É chegou a hora. O seminário que ocorreu entre os dias 6 e 7 de maio de 2021, refletiu um trabalho de meses intensificado na semana do evento. Eu e minha amiga Natália, companheira de mestrado e de rede de apoio, estivemos integralmente escondidas nos bastidores do evento, o que me ocupou a mente, até que na sexta a Nat me fala assim, já perto da 16hs., “Amanda, sai agora da sala porque o encerramento é seu”. Foi ali que eu paralisei. Eu sabia que o Fruta iria fazer o encerramento, já havia marcado tudo, eu não estaria só, junto comigo, meticulosamente escalada, estaria minha orientadora, então porquê do medo? Simples, eu não teria como fugir.

Eu teria que encarar meus medos e acreditar no meu projeto.

E lá, durante aquela hora linda, pude trocar com eles e observar mais uma vez o que eu já sabia, o potencial formador do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé. Não é só samba. É pelosamba.

Figura 13: 07 Diálogos 03 – Educação, movimentos sociais e diferenças 0001 (78)



Fonte: Elaborado pela autora, arquivo pessoal, 2021.

2.2 Chegando ao Fruta

Ao chegar na roda de samba do então Projeto Fruta do Pé, em outubro de 2019, fico encantada com o bom uso do espaço de uma casa comum, típica dos subúrbios e periferias cariocas.

O terreno composto por um jardim, é anterior a casa com árvores expressivas que dão sombra à uma área destinada as crianças, com balaços e escorregas. No meio do terreno, uma mesa cumprida, com toalha em estilo africano e sobre ela uma moringa de barro e uma imagem de Preto Velho nos convidam a ficar à vontade e observar toda a representatividade que as paredes exibem, com quadros de Cartola, Arlindo Cruz, Dona Ivone Lara, Candeia, Ismael Silva, Paulinho da Viola e tantos mais quantos sejam os bambas que inspiraram a musicalidade ali presente. Antes do batuque começar, chamei o Breno de lado e disse-lhe que precisava saber tudo que ele pudesse e quisesse me contar.

Breno Batista, idealizador do projeto e morador consorte daquele pedaço de chão. Neto

de dona Marli, matriarca da família que desde pequeno se viu cercado de instrumentos musicais, tocados pelos mais velhos, nos churrascos regados a samba recorrentes nos fins de semana.

Em uma de nossas conversas, pedi ao Breno que me contasse como eles chegaram ao Projeto Fruta do Pé, e nesse papo de horas, pude notar que tem muita história antes da história.

Decido por começar perguntando por algo que me chamou atenção assim que entrei na roda, a imagem que fica em cima da mesa. O porquê de ser de um preto velho com uma moringa. A resposta prontamente me encontra no afeto.

A imagem escolhida para aquele espaço tinha que ser uma representação da ancestralidade – a moringa e a imagem do preto velho. Mas não foi ao acaso, foi uma escolha pensada e avalizada por tia Mazinha, responsável por decorar o espaço. Certa feita, Breno lhe pergunta se poderiam colocar a imagem de preto velho ali, em cima daquela mesa para o samba rolar.

Ela, antes de dar qualquer resposta, segue rumo ao seu terreiro de umbanda para pedir permissão e também para benzer aquele objeto que agora segue revestido de significados e protegido por seu axé. Tia Mazinha é prima do padrinho de Breno, Marcelo, e foi criada pela avó desde sempre. Aquele laço construído no afeto que nem sempre tem a ver com sangue.

Por falar nos avós, sem eles essa história não seria possível de se contar, dona Marli (75 anos) e seu Eloy (78 anos). Casados há 57anos e nascidos na região de Inhoaíba³⁸, moravam nos arredores de um monumento muito conhecido na região e que resgata a referência negra no bairro com a imagem de um Preto Velho³⁹. Todo ano, nos festejos de maio as ruas se enchiam de fé e alegria. Uma celebração de resistência, onde a cultura negra era reverenciada e vivida. Tanto que em 1983 passa a fazer parte do calendário oficial das festas populares da Cidade do Rio de Janeiro ((Lei n.º 476 de 14 de dezembro assinada pelo Prefeito Marcelo Alencar). Nos anos 1990 chega a ser o maior acontecimento da região, durando vários dias e contando com a participação de diversos terreiros.

³⁸ Inhoaíba bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, pertencente ao Distrito de Campo Grande e emancipado em 1993, durante o mandato do prefeito César Maia

³⁹ Inaugurado em Inhoaíba durante as comemorações dos 70 anos da libertação dos escravos (13 de maio de 1958), o monumento criado por Miguel Pastor foi o primeiro de caráter religioso implantado no espaço público em reconhecimento à simbologia e imponência da religião afro-brasileira. O homenageado foi o Paizinho Quincas, Joaquim Manuel da Silva, um ex-escravizado de grande popularidade na região, pela sua autoridade moral e conduta. Nasceu em 1º de janeiro de 1854 e viveu por 109 anos, falecendo em 1963, cinco anos depois da inauguração do monumento. Disponível em: <<http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2014/05/preto-velho-monumento-em-inhoaiba-campo.html>>. Acesso em: 25 de mar. 2021.

Figura 14: Paizinho Quincas



Fonte: PASTOR, 2014⁴⁰.

Depois de uma série de tentativas de roubo, a imagem do Pai Quincas, foi recolhida pela Administração Regional de Campo Grande sendo recolocada apenas as vésperas dos festejos. Um monumento como aquele, constituído por além da imagem de Pai Quincas, um obelisco, um pequeno lago e obras de arte em painéis de bronze, acabaram por se tornarem alvo de depredação e pichações constantes.

Em 1969, bem próximo ao monumento de Pai Quincas, foi instalada uma imagem da Mãe Preta, o que reacendeu a chama da fé na população que sempre se reunia para prestar homenagens e fazer suas orações.

⁴⁰ Monumentos do Rio (2014), Miguel Pastor – Paizinho Quincas. Imagem cedida por Teresa Branco Mendes. Disponível em: <http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2014/05/preto-velho-monumento-em-inhoaiba-campo.html>

Figura 15: Foto da Preta Velha “Mãe Maria” – Descida do viaduto de Inhoaíba⁴¹.



Fonte: PASTOR, 1968.

Durante boa parte da década de 1990, o entorno dessas estátuas era o reduto de uma das mais importantes celebrações da cidade, que durante o mês de maio reunia terreiros de várias localidades em dias e mais dias de festa em homenagem aos pretos velhos, reverenciando a ancestralidade afro brasileira manifesta pelas religiões de matrizes africanas, em especial os terreiros de umbanda da região. O avanço pentecostal e as sucessivas depredações puseram quase que um fim definitivo nesta tradição.

Já no século XXI, mais precisamente no ano de 2006 a APAACABE⁴² (Associação de Proteção aos Amigos e Adeptos do Culto Afro Brasileiro e Espírita) desempenha o papel de resgatar a festa e de manutenção da história da Praça que perpassa pela história do bairro e de sua gente. No ano de 2011, o primeiro dos três viadutos prometidos pela prefeitura do Rio de Janeiro para a região da zona oeste, é inaugurado em Inhoaíba, o que preocupava os moradores quanto a manutenção dos monumentos dos Pretos Velhos, uma vez que o trajeto do viaduto os atravessaria. Mobilizados na defesa das estátuas, os moradores em parceria com a APAACABE

⁴¹ Maria Bibiana do Espírito Santo, também conhecida como Mãe Senhora de Oxum Muiúá, recebeu em 1965 o título de “Mãe Preta do Brasil”. Essa Ialorixá baiana, foi escolhida como modelo para a estátua da Preta Velha. Disponível em: <http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/?iMENU=catalogo&iiCOD=971&iMONU=M%C3%A3e%20Preta>

⁴² Presente no segmento de Igrejas e foi fundada em 11/01/2005. A empresa está localizada na Rua Independência, 17, FUNDOS, Cosmos, em Rio de Janeiro-RJ, CEP 23060-630.

e a prefeitura, conseguiram que as obras preservassem a praça e mantivesse viva a memória ancestral, construindo um espaço seguro para que a estátua de Pai Quincas pudesse retornar e participar das festividades religiosas, o que de fato aconteceu no ano de 2014 ⁴³.

A casa onde hoje é a sede do Projeto Fruta do Pé, é também a casa construída por dona Marli e seu Eloy. E o terreno escolhido para essa construção, não foi ao acaso. Quando crianças, dona Marli e seu Eloy costumavam brincar em volta de uma grande mangueira e ao procurar o terreno para construir se depararam com aquela mesma árvore que lhes fazia sombra na infância. A mangueira não resistiu a obra e assim que a casa começou a ser erguida por eles, uma nova árvore foi plantada no terreno, mais uma vez uma frondosa mangueira.

Figura 16: Dona Marli



Fonte: Arquivo pessoal de dona Marli.

Na casa da bisá (mãe de dona Marli, rua do monumento do Preto Velho), sempre teve samba. Pessoas das mais diversas localidades sempre indo e vindo fazer um batuque. Breno conta que na casa onde mora, erguida por seus avós, não rolavam esses encontros que ficavam mais restritos à casa de sua bisá. Só o que embalavam os finais de semana eram os discos de sambas antigos. Caberia a próxima geração levar o samba para aquele quintal.

Breno conta que sempre admirou o cavaco de seu padrinho Marcelo, que ficava lá em um dos cantinhos da casa, o curioso é que ninguém sabia tocar. Incentivado por seu pai, Luciano, começou a tocar tantã, aos 8 anos, aprendendo com seus tios e primos, em especial

⁴³ Disponível em <http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/search?q=paizinho+quincas>

Yago, filho da tia Mazinha, que seria um de seus grandes parceiros musicais.

Aos 9 anos já tocava nas reuniões de família. O ponto de encontro da família para fazer samba era sempre no terreno da Dona Marli, ou na casa da bisá, lá perto do Preto Velho.

A brincadeira da criançada estava ficando séria, tanto que junto de seus primos, Amanda Batista, Yago Ferreira e com os amigos Lucas Galdino e Luiza Timoteo, fundaram o grupo “Sambatucada”, todos na faixa dos 12 anos.

O grupo não durou muito tempo, mas na companhia dos pais, fizeram eventos diversos que iam desde apresentações em aniversários, lançamentos de livros, presença em quadras de samba, como a Sereno em Campo Grande e até mesmo eventos em grandes lojas como a da Fiat na Barra da Tijuca, que lhe renderam até uma matéria de jornal.

O Sambatucada se desfez, cada um seguindo seu rumo, mas a ligação com o samba nunca mais deixaria de fazer parte de suas jornadas.

Com aproximadamente 16 anos, durante as andanças nos sambas da região, Breno conhece uma figura que se tornaria fundamental para sua caminhada, Ramon.

O Ramon morava no Rio da Prata, em Campo Grande e lá também fazia samba, tocava e ensinava a quem quisesse, tocar os instrumentos. O mais curioso é que a pessoa com quem Ramon aprendeu a tocar, vem a ser um primo de Breno, dessas ligações familiares que nem mesmo ele conhecia.

As visitas de Ramon se tornaram frequentes, todo fim de semana o samba rolava com eles e por eles no quintal de dona Marli, até que num dado momento, Carla e Luciano, pais de Breno, fizeram de Ramon o mais novo integrante da família. Com a bênção de todos, o samba fluiu.

A preservação da memória através do samba sempre foi algo natural, até difícil de desassociar, na maioria das vezes, tronando-se perceptível com o passar do tempo e a vivência na rua e nos sambas por onde eles tocavam.

Mas e o Fruta, Breno, como surgiu? Insistia eu, curiosa em entender em que momento essa história iria se fundir.

Breno me dizia com ares de sonho que sempre pensou em reunir uma galera nova fazendo samba diferenciado. E toda vez que pensava nisso, parecia quase que uma utopia, pois com a idade que eles tinham no momento, simplesmente não existia. O que acabou por lhes encorajar a fazer algo de fato, com tudo o que eles queriam executar. Samba de raiz em um lugar público, era a ideia primeira do grupo. Um projeto aberto em um espaço público, que se consolidasse de forma concreta. Muitos sambistas da região tentaram, mas sem êxito, como que eles iriam conseguir?

Uma das maiores inspirações deles vem do Cacique de Ramos⁴⁴, como espaço de profusão e construção de samba, que deu certo. A grande questão de Breno era o “por que não”, onde mais aqui, na região, teríamos um espaço de samba, já que não temos escola de samba para que pudesse alimentar a sede de construir e propagar o samba para todos? A casa da avó é um lugar que acontece, por que não expandir? Onde fazer isso de forma pública?

A primeira ideia era fazer no calçadão de Campo Grande, mas seu avô Eloy desencorajou por conta da dificuldade de se fazer isso naquele espaço por conta da logística e das pessoas que tomam conta do espaço⁴⁵. Seu outro avô Osmar, disse o mesmo em relação a dificuldade que eles encontrariam de fazer isso.

Nessa busca por espaço, seu Osmar lembra que do outro lado da estação seria mais fácil de achar um lugar para o samba e nisso ele se depara com a estátua de Adelino Moreira⁴⁶, na rua Barcelos Domingos (rua do centro de Campo Grande), onde além da estátua, tem um palco e umas cadeiras, sendo propício para que existam eventos culturais. Breno relata que não foi até a subprefeitura para pedir autorização, até porque, segundo ele “não são eles que autorizam as coisas por aqui mesmo”. Falou com seu avô Osmar, que marcou de falar com queera de fato e de direito. Explicou-lhes que o evento não visava lucro e que eles poderiam fazer a grana deles como quisessem, com os camelôs vendendo as comidas e bebidas que quisessem, só que lhes interessava era o espaço.

Um samba aberto, com as cadeiras que eles mesmo trariam. Uma sexta por mês (ou quem sabe quinzenalmente), à noite. Sempre na sexta que rolava o samba no trem, uma vez que o espaço era bem perto da estação, os sambistas já desceriam na boa para continuar o samba por lá.

Feito. Com as permissões informais checadas, o primeiro evento poderia acontecer. No dia marcado, 03/03/17, um fator externo os boicotou, a chuva. O nome do evento era samba da Antiga, inspirado pela canção de mesmo nome de autoria de Candeia, influência maior de todoo processo.

⁴⁴ Cacique de Ramos – Fundado em 20 de janeiro de 1961, no bairro de Ramos, zona norte do Rio de Janeiro, tem São Sebastião como padroeiro. Bloco de embalo com fortes ligações com a Umbanda, em suas rodas de samba floresceram grandes nomes do samba carioca das últimas décadas. Disponível em: <<http://caciqueramos.com.br>>. Acesso em: 10 mai. 2021

⁴⁵ Referência às milícias da região, grupo de policiais e ex-policiais que atuam oferecendo proteção aos moradores e comerciantes da área em troca de pagamento. Em algumas localidades tomam conta dos comércios de gás de cozinha e oferecendo planos de tv à cabo e *internet* irregulares

⁴⁶ A estátua em bronze, inaugurada em 2007, é uma homenagem ao compositor Adelino Moreira (1918-2002), quemorou na Estrada do Monteiro, no bairro de Campo Grande, onde faleceu. Entre suas obras destaca-se o grande sucesso “A Volta do Boêmio”, primeiramente gravada por Néelson Gonçalves. Fonte: monumentoscg.blogspot.com.br

No segundo evento, samba vazio, no começo. Um ou outro olhando, mas ninguém parava. Mas já tinha uma galera do samba, cascuda⁴⁷ de CG (Campo Grande) que já estava por lá, rodeando o evento, com os amigos Bilhão, Bolete, Salame (sambistas da área que já tocavam em eventos há muito tempo).

O samba fluiu e começou a circular boca a boca, o que fez com que muitos crescessem os olhos naquela possibilidade de faturamento. A roda era montada com os recursos deles mesmo, desde as mesas e cadeiras de plástico que eram colocadas, até os instrumentos que eram tocados e os sambistas convidados. Sem muita pompa, mas com muita vontade de dar certo.

Os responsáveis pelo espaço queriam fazer um evento maior, puseram uma lona para eles e propuseram que o samba se tronasse uma abertura para a noite. Eles seriam pagos pelo show e depois deixariam o espaço para outros entretenimentos. Como não era essa a ideia do samba, Breno declinou e os sambas na Barcelos acabaram. Samba da Antiga foi o nome do primeiro evento, a cada nova sexta, um novo nome, com um novo foco de homenagem.

Durante a conversa, Breno mencionou a página no Facebook chamada Projeto Fruta do Pé, que já existia desde 2016, onde inclusive, o samba da Barcelos (Rua Barcelos Domingos) era divulgado. O que me fez voltar a pergunta inicial, por quê Fruta do Pé, Breno?

Certa vez, Breno e Ramon, catavam acerola no quintal, enquanto no rádio ouviam Luís Carlos da Vila – *Oitava cor* –. Esta é uma canção que usa e abusa das hipérboles, das figuras de linguagem, para falar do amor, quando em um verso a epifania acontece: “é ter na mão, frutado pé, num fundo de quintal”⁴⁸, nesse momento, eles com as mãos cheias de acerola, começavam a pensar sobre as metáforas que esse verso traduz.

Eles, enquanto jovens sambistas, sempre se abrigavam sob a copa de uma árvore frutífera para fazer samba, fosse ela o abacateiro dos fundos do quintal ou a mangueira da frente da casa. O nome foi tão sonoro que não havia como desconsiderar. Ramon, a princípio, não achou a ideia assim tão boa, mas acabou por concordar.

Nesse período, o Projeto começou a ser chamado para fazer vários eventos, como tocarem escolas, o que levou ao nosso encontro em julho, na feira de cultura que eu estava organizando na escola em que eu trabalhava à época. Fizeram por vezes, banda de apoio de Weber Werneck. Nesse período os componentes eram flutuantes, de certo mesmo só a parceria Breno e Ramon.

⁴⁷ Cascuda é uma maneira de exemplificar o quanto esses sambistas são experientes no cenário do samba da região e alguns deles para além de Campo Grande

⁴⁸ Oitava cor – Compositores: Montgomery Ferreira Nunis/Luiz Carlos Baptista/Washington Nunis Letra de A Oitava Cor© Warner/Chappell Edições Musicais Ltda., Universal Mus. Publishing Mgb Brasil Ltd

Muito antes do evento estar sistematizado, a ideia de um projeto voltado para a educação/formação dos jovens negros da comunidade já existia, sempre pensando na música como forma de ensinar. Mesmo antes de oficializar qualquer possibilidade, sempre teve gente entrando e saindo da casa do Breno para aprender a tocar instrumentos.

Pergunto-lhe sobre como ele enxerga a questão do protagonismo negro e Breno fala sobre ter começado a defende-lo dentro do samba, a pouco tempo, ainda assim no Fruta, só existiam negros, naturalmente, a exceção do Ramon.

Como eles não sucumbiram a proposta dos gestores da rua, que consistia em pagá-los para abrir a noite para um evento que não mais seria só de samba, e sim algo gerido por eles. Breno recusa e o samba na Barcelos, feito pelo Fruta deixa de existir. Justo no período em que a outra paixão de Breno lhe toma de assalto e ele viaja para o Sul do país para jogar futebol sendo necessário trancar sua graduação em Educação Física na UFRRJ⁴⁹.

Visando a continuidade do projeto, ele deixa três de seus amigos responsáveis por alimentar a página do *Facebook* com conteúdo voltados ao samba e a cultura negra. Mas nenhum deles quis levar a diante, gerando desentendimentos e rompimentos.

Nesse período fora, a ideia de Breno era poder fazer um dinheiro com o futebol, guardar e poder voltar para dar continuidade aos sonhos de samba. Nessa de tentativa e erro, foi jogar na Suécia, uma das experiências que mais lhe escancararam o racismo e as formas tantas de preconceito.

Durante a temporada que passou na Europa, em 2018, sua principal companheira era a leitura que o fez entender o quão importante era investir na formação cultural dos jovens e a música parecia ser o melhor caminho para tanto.

Na Suécia, jogou em um time de assírios, comunidade forte e numerosa de um povo que se refugiou há tempos naquele país. Observou atentamente como era a cultura e o entendimento de mundo daquelas pessoas, e sofreu, como qualquer outro negro que ali jogara, o preconceito que nunca foi velado. Os olhares desconfiados, as companhias vigilantes dentro de estabelecimentos comerciais e no mais intenso dos atos, xingamentos e cusparada de um colega de time dentro de um treinamento cotidiano, que o levou as vias de fato, ao desferir um soco em seu agressor. Evento que foi duramente censurado pela equipe, caindo sobre ele a culpa e tendo que partir dele as desculpas.

Em outro momento, ele relata que em escalas feitas na Espanha e na Inglaterra, ele fora levado pela polícia federal para averiguações. Para Breno não há outra justificativa para essas

⁴⁹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica – RJ

ações que não o racismo.

O retorno ao Brasil, já não tem mais contornos somente de fazer samba, mas a ideia de uma escola de samba vem com força. Bem aos moldes da Quilombo⁵⁰, fundada por Candeia e retomando o pensamento de Ismael Silva, lá no início do século XX, quando pensou em reunir pessoas que de fato gostariam de aprender sobre samba. Breno volta sem grana, mas com a convicção do que ele tinha que fazer. A ideia é retomar as rodas, produzir o samba e aí sim tiraro sonho do papel.

A saga agora era por encontrar um espaço que pudesse abrigar todos esses sonhos. Sem grana e tendo estado longe por um tempo, ficava tudo mais complicado. Antes de viajar, ele tinha feito um samba de despedida, em sua casa que deu o que falar. Quando do retorno, ao procurar espaços para fazer a roda, ele se volta para esse evento e entende que não precisaria procurar fora se tudo que ele precisava estava dentro. Daí surge a roda de samba do Fruta do pé, no espaço que deu origem ao Fruta.

A vizinhança já associava o quintal de dona Marli como um espaço de samba então foi fácil de se concretizar. A ideia era que em cada samba pudesse vir um convidado. O primeiro samba, em julho, foi com o pretexto de comemorar o aniversário do Breno e deu muito certo já que a notícia é prontamente aceita não só pelos amigos, como também pela comunidade que ansiava por um espaço de lazer que não lhe custasse tanto e onde eles pudessem se reconhecer. Eis que a roda de samba do Projeto Fruta do Pé, entra no circuito das rodas da cidade. Documentada e certificada, faziam agora parte da Rede Carioca das Rodas de Samba, um reconhecimento que lhes dá firmeza e legitimidade para seguir.

Os músicos que fizeram parte da roda, foram convidados para participar, mesmo já não sendo mais a base do grupo. Eram contratados por evento. Ali se estabelece uma relação mais profissional, pois a roda já não era composta por pessoas que a idealizaram e o faziam pela causa, e sim, pessoas que ainda que conhecidas, eram contratadas para prestar aquele serviço.

Nunca foi a roda pela roda, sempre existiu um tema, um convidado, alguém que pudesse representar.

Cada evento um tema, com decoração pensada e repertório selecionado para dar conta de contar a história do convidado em questão, como por exemplo, no mês da consciência negra, a roda de novembro de 2019, o convidado foi o Zé Luiz, fundador da ala de compositores da Quilombo, ao longo dos dias que antecederam a roda, a história dele foi contada, nas redes

⁵⁰ O Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo foi uma escola de samba da cidade do Rio de Janeiro. Fundada pelos compositores Candeia, Nezinho, Wilson Moreira e Mestre Darcy do Jongô, em 8 de dezembro de 1975.

sociais do Projeto, suas contribuições, sua importância para o mundo do samba, e já na apresentação, deixavam livre o convidado para falar abertamente sobre sua obra.

O pensamento para decorar o ambiente vem da necessidade de referenciar. As pessoas importantes para a formação do pensamento negro, representantes do samba, da música e da cultura negra. Pensando de forma cronológica decrescente, pois segundo Breno, quando não se sabe nada, é mais fácil partir do agora e ir voltando, visto que o agora está acontecendo e a partir dele, resgatar os passos dos que vieram antes e permitiram a continuidade, então fotos de pessoas importantes para a manutenção da história do samba, principalmente daqui do Rio, de onde fala o Fruta, eram fundamentais para manter viva a história que eles agora pedem passagem para contar.

Figura 17: Primeira roda no quintal de dona Marli⁵¹



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021 b.

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

Figura 18: Fachada da casa que abriga o Projeto⁵²



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021 c.

A pandemia nos atropela a todos e com o Fruta não foi diferente. Ela atrasa os processos, mas em contrapartida, viabiliza a estrutura. Projetos outros de oficinas voltadas para o carnaval em parceria com o Quilombo do Samba passam a ser mais viáveis por conta da possibilidade de organização que a ausência da roda proporcionou.

Eis que uma mudança significativa se impõe, a do nome de Projeto Fruta do Pé, para Centro de Cultura Negra Fruta do Pé. Ela se dá muito em cima da questão do entendimento que a palavra projeto, sugere algo que ainda não saiu do papel, enquanto um centro de cultura, se propõe a ser e fazer exatamente o que eles idealizaram como projeto. A vontade era já vir com o nome de Escola de Samba, mas desconfiança de que o público em geral não iria assimilar facilmente essa transição tendo por base o entendimento coletivo do que são as escolas de samba no país, as chamadas agremiações.

A pandemia atrasa o começo das atividades do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, por conta dos cuidados necessários e com as medidas de distanciamento. No fim de 2020, as aulas começaram, com Kemetica yoga, percussão, capoeira, mas com as novas variantes do Corona vírus que vem circulando no Brasil, as aulas foram suspensas, ficando apenas as de percussão que são quase que individuais. A ideia é de iniciar uma escola de música dentro do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé (CCNFP).

Breno direciona e defende o protagonismo negro, sendo um entusiasta de uma

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

exclusividade negra, vislumbrando a criação de um espaço para lazer de pessoas pretas, livre de racismo. Para que os frequentadores se sintam bem a vontade e sem se melindrar com olharestortos.

A maioria dos moradores da região são negros, e frequentar um espaço negro é fundamental. As periferias de Campo Grande nos mostram que o público que acessa os sambas no centro do bairro, é misto, com pessoas negras e brancas, diferente dos que frequentam Cosmos e Inhoáiba.

2.3 Raízes do Fruta

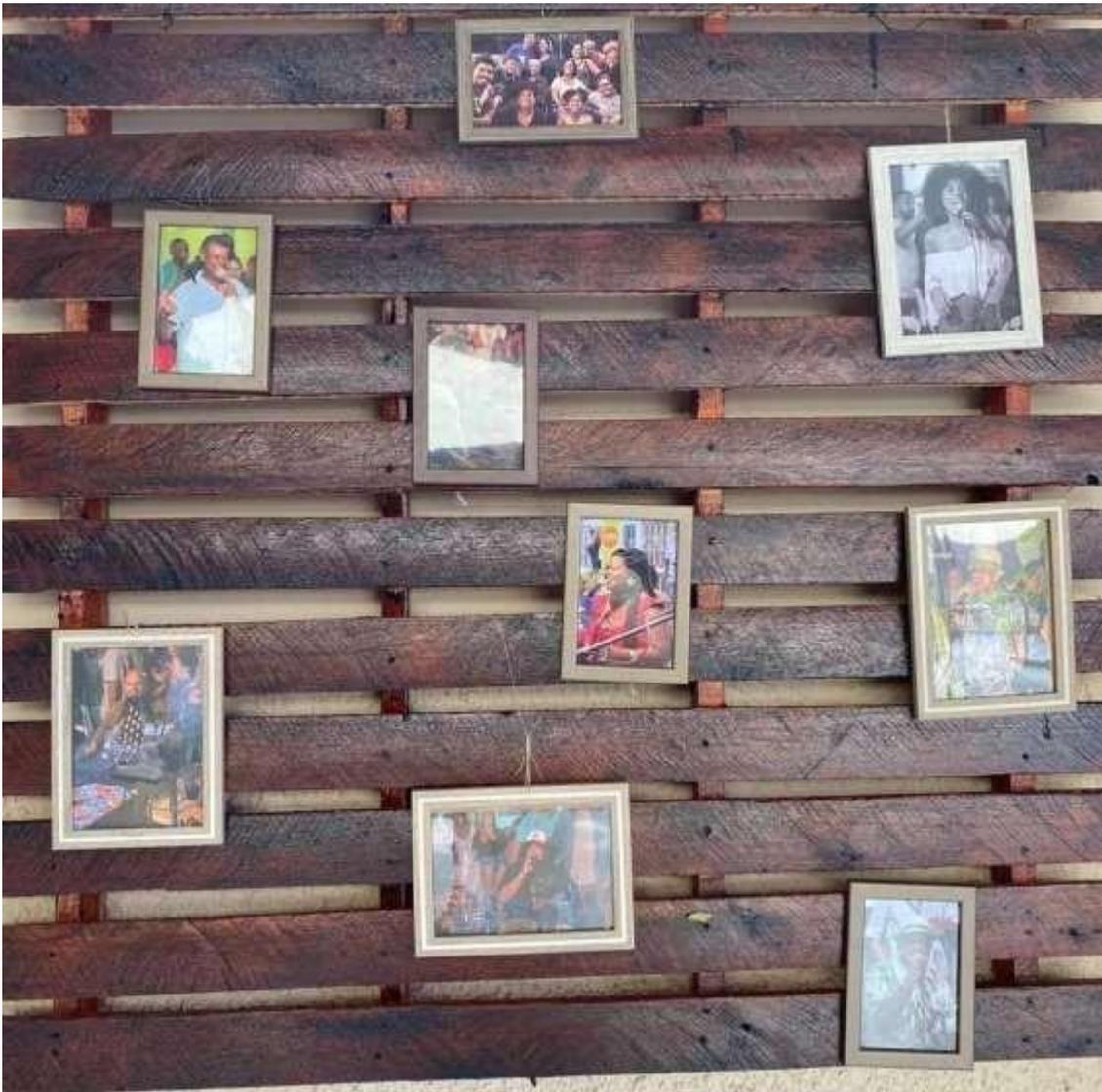
Figura 19: Pannel de Influências – C.C.N.⁵³



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021d.

⁵³ Pannel feito a partir das capas de discos com as principais referências musicais que formaram a musicalidade dos integrantes do Fruta. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=272960764836610&set=pb.100063680641200.-2207520000..&type=3>

Figura 20: Foto dos bambas⁵⁴ do Fruta.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021e.

Não é possível uma árvore crescer e se desenvolver sem suas raízes bem fortemente fincada. Assim também a roda de samba do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, precisa conhecer e reconhecer aquelas e aqueles que lhes permitiram desenvolver. Neste subtema trago as influências, as memórias, as histórias que esses meninos e meninas ouviram e cantaram por toda a vida e que lhes permitiram entender que o samba vai além do divertimento da folia, é algo que os conecta com sua ancestralidade.

Durante a pandemia que nos tomou de assalto no último ano e que ainda nos assola, todas as pessoas, grupos, organizações, instituições, tiveram que buscar alternativas para resistir. No campo das artes, bem como na maioria das áreas, o mundo virtual foi a saída.

⁵⁴ Bambas aqui, são os ilustres convidados que compõem as apresentações das rodas. Em sua maioria, artistas locais. Arquivo pessoal

Aproximar interesses através das mídias sociais foi fundamental para que pudéssemos seguir. Com o Fruta não foi diferente. Breno começou a desenvolver junto com os colaboradores do Projeto, alternativas de produção de conteúdo para que o Fruta não caísse no esquecimento da ausência da roda. Séries documentais começaram a ser produzidas, no ambiente virtual, voltadas para as plataformas do Instagram, *YouTube* e *Facebook*, onde o samba começou a ser contado e não apenas cantado. Eu mesma participei de um dos episódios que narrou a história do samba. Outra série fundamental para entender de onde esses meninos tiram sua inspiração, é justamente o “Raízes do Fruta”, entrevistas com os bambas que exercem influência direta sobre o que é feito no espaço.

O, “Raízes do Fruta”, traz vídeos com entrevistados que são peças fundamentais para a existência do projeto. Que são referenciais de musicalidade, representatividade e tradição no samba dos arredores campo-grandenses. O intuito em realizar essas entrevistas é para além da criação de um acervo de memória e sim como a chance de apresentar para as novas gerações as pessoas que entendem o samba mais do que uma fonte de entretenimento e sim como um respiro de liberdade de sua própria existência.

Em fevereiro de 2021 foi ao ar, no *YouTube*, o primeiro episódio do Raízes do Fruta, com o Seu Décio, figura representativa de Campo Grande, fundador de uma das rodas mais antigas da região, o “Samba e Água Fresca”. Durante a entrevista⁵⁵, é possível notar como a pessoa do Seu Décio influenciou na caminhada do Fruta. A narrativa das personalidades que vieram se apresentar no quintal do Água Fresca, ao longo dos anos, mostrando o potencial aglutinador que o bairro possui, que ao mesmo tempo que atrai visitantes dos mais distintos pontos da cidade, ainda passa despercebido pela grande parte dos moradores da região.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ms6yUuPT8qM>

Figura 21: Foto da entrevista do Seu Décio, no salão do “Samba e Água Fresca”⁵⁶



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2020.

Jongo de Pinheiral

O segundo episódio leva os espectadores ao Jongo de Pinheiral, Vale do Paraíba, sul do Estado do Rio de Janeiro. Em uma entrevista repleta de emoção com a perspectiva de mostrar um pouco da história daquele lugar, dos que já nos antecederam e dos que lutam para manter nossa cultura viva. A essência do samba, inteira, manifesta naqueles que lutam para manter viva essa tradição ancestral.

Tia Maria Amélia, também chamada de Tia Memeia, foi a porta voz do grupo e contou como sua trajetória se confunde com a do próprio Jongo de Pinheiral. Ela debutou nas rodas, na década de 1970, aos 14 para 15 anos, já sendo uma grande novidade para época, pois as crianças não podiam participar. Essa inovação se devia a necessidade identificada por eles de manter viva a presença do jongo, visto que seus mais velhos estavam morrendo e se não houvesse uma renovação, toda a história se perderia com eles.

A história do Jongo de Pinheiral se confunde com a própria história do Vale do Café⁵⁷, com suas fazendas destinadas ao cultivo do grão e que para tanto, necessitava da mão-de-obra

⁵⁶ Foto da entrevista com o Seu Décio, fundador do “Samba e Água Fresca”, uma das primeiras rodas de samba de Campo Grande, não está mais em atividade. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ms6yUuPT8qM>

⁵⁷ No Vale do Paraíba Sul Fluminense fica localizado o Vale do Café, esta é a denominação turística dada a região onde o café foi a principal fonte de renda no Século XIX, produzindo, naquela época, 75% do café consumido no mundo, garantindo ao Brasil a liderança mundial na produção e exportação de café.

dos negros escravizados, retirados de sua terra natal em África, trazidos para trabalhar nas fazendas da região, como a São José do Pinheiro, sob administração do Comendador José Breves, no século XIX.

Nas palavras de Tia Memeia temos a definição do Jongô, como sendo uma dança praticada pelos escravizados, uma verdadeira “expressão cultural e corporal” característica da região Sudeste do Brasil. Ela conta que segundo os antigos, a dança ocorria em roda, com um casal de negros ao centro, onde o homem cortejava a mulher enquanto os demais dançavam e cantavam ao redor. Esse era um momento de confraternização ao fim de um dia de trabalho, mas também de organização, pois eles cantavam em dialeto africano, para despistar os feitores e tramar sua fuga para os quilombos. O jongô era assim, uma forma de resistir às pressões cotidianas e uma esperança de liberdade.

Figura 22: Foto tirada no Jongô de Pinheiral.



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2020.

Nos episódios três, quatro e cinco personalidades fundamentais da zona oeste foram contempladas, os sambistas Santa Cruz, Paulo Henrique Mocidade e Arifan Junior que trocaram suas experiências contando seus esforços para a manutenção da história do samba da zona oeste.

Paulo Henrique Mocidade

Figura 23: PH Mocidade em entrevistas à série “Raízes do Fruta”, em fevereiro de 2021.



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2021⁵⁸.

“Estava no meio de samba de roda/Do frevo e xaxado/Parou para assistir/E não resistiu a força emana/Por onde ela passa nos leva a seguir”, com estes versos da canção “Recado de Fé” de Paulo Henrique Mocidade e André Renato, eternizados pelo Grupo Fundo de Quintal, é que começa o bate papo com esse ilustre representante do samba da zona oeste.

“O samba é uma cultura espiritual”, assim começa a resposta de PH (Paulo Henrique) à pergunta feita de como teria sido sua primeira experiência com o samba. É um emocionando

⁵⁸ Disponível em: https://scontent.fsdu2-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-9/148980181_1112395992536962_1337028955021563944_n.jpg?_nc_cat=109&ccb=1-3&_nc_sid=a26aad&_nc_ohc=-sR2RehRceMAX8INY2W&_nc_ht=scontent.fsdu2-1.fna&oh=3c2f41fdb9f5f9ac27de0a69069babc1&oe=60C29790

entrevistado, falando sobre a força e a importância do samba, para uma juventude que lhe surpreendeu positivamente, ao querer saber mais sobre este que é o sentido de sua caminhada e a alegria de sua vida.

PH conta que chegou à Mocidade (Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel – RJ), através de seu padrinho no samba, Marquinhos PQD, que via nele uma voz especial para samba enredo, o que ia de contra à paixão de PH por cantar samba raiz. Ainda assim, lá chegando, é bem recepcionado e causa ótima impressão na comunidade que o abraça e faz dele um dos cantores oficiais, assumindo o primeiro posto como intérprete no ano de 1999, após a saída de Vander Pires. No mesmo ano ganha o Estandarte de Ouro⁵⁹ como revelação daquele carnaval e segue seu caminho dividindo-se entre as escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, tais como Rosas de Ouro, Vila Matilde e Pérola Negra. PH passa por um longo período de afonia que o retira do samba prematuramente. Com tratamentos adequados e descanso, ele retorna aos sambas da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente em Realengo e Padre Miguel e se estabelece na consagrada roda de samba, Terreiro de Crioulo. PH se define como defensor da cultura do samba e busca levar representatividade através da memória ancestral que se presentifica nas rodas.

Santa Cruz

“O samba é herança de família”, assim começa a fala deste que traz a zona oeste extrema no nome. Seu início do samba se confunde com seu início na vida, pois para ele, crescer em um lar onde cantar samba e falar eram basicamente a mesma coisa. Santa Cruz fala que o choro amado por seu pai e as grandes vozes, interpretadas por sua mãe no dia a dia, formaram seu imaginário musical e ampliaram sua compreensão sobre a importância do samba.

“Quem sabe de onde vem sabe para onde vai”, assim Santa Cruz responde à pergunta feita por Breno de como ele encara essa nova geração de sambistas. Breno continua no questionamento falando sobre as experiências musicais de sua geração e da dificuldade que ele enfrenta em cantar os grandes representantes do samba para uma galera que não faz a menor ideia de quem eles são. Relata por exemplo, um trabalho escolar de sua irmã que resgata o legado de Tom Jobim para a música brasileira e ele lembra de ter feito algo parecido na mesma idade que a irmã. Breno não questiona a importância, mas salienta o fato de que a narrativa de Jobim não se aproxima da vivência deles, como por exemplo a de Candeia e que este nem é

⁵⁹ Premiação concedida pelo jornal O Globo desde o ano de 1972.

mencionado e finaliza perguntando como ele, Santa Cruz, vê essa questão.

Para Santa Cruz, um Candeia, por exemplo, só será consumido pela juventude se esta vir seus iguais falando sobre. Para ratificar seu pensamento, ele exemplifica o consumo do Fundo de Quintal, por essa juventude, a partir da interpretação de jovens sambistas e pagodeiros como o grupo “Vou pro Sereno”. Santa Cruz identifica que o resgate dos “bambas” para nova geração, perpassa pelo interesse dos novos nomes do samba em consumir e reproduzir suas origens.

Figura 24: “Santa Cruz”.



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2021.

Arifan

“... a favela virou poesia na boca de quem nunca soube o que é sofrer”, assim começa a entrevista com Arifan, com esse verso cantado por Geraldo Filme, onde para ele, muito se falado lugar que poucos conhecem.

A pergunta que costura o bate papo é sobre a infância de Arifan na Cidade De Deus, e ele narra com emoção que o Brizolão⁶⁰ em que estudou lhe permitiu construir saberes

⁶⁰ Amplos edifícios de concreto com grandes janelas retangulares, mas com bordas arredondadas, projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Criados na primeira gestão (1983-1987) do governador Leonel Brizola e idealizados pelo educador Darcy Ribeiro. Chamados de Cieps – Centros Integrados de Educação Pública, que ficou popularmente conhecido por Brizolão, em referência ao governante, oferecia às crianças e adolescentes uma educação que contemplava todo o dia, com três refeições e que buscava desenvolver habilidades além das pedagógicas e preencher o dia com atividades esportivas e projetos

outros para além das disciplinas obrigatórias e que punha em prática a Lei 10639/03 que implementa o ensino da cultura afro brasileira no currículo básico da educação, e como tal aplicação foi importante para ele entender seu lugar no mundo. Bem como o centro cultural de seu bairro que lhe apresentou a capoeira. “Sobrevivemos conviventes e não conviventes”, expressão que ele usava para mostrar como ele e sua geração se vê na história em contraposição ao que é dito sobre eles. Um dos fundadores do grupo Awurê, criado com o objetivo de exaltar e resgatar a importância da influência africana em nossa cultura, identidade e a consciência ancestral, através da música, cânticos, poesia, gastronomia e dança, contribuindo para o resgate e manutenção da identidade negra, afirmando o papel da representatividade negra e o seu protagonismo, cultural e social⁶¹.

Figura 25: Arifan.



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2021.

⁶¹ Disponível em: <https://cultne.tv/musica/samba/146/grupo-awure#:~:text=O%20Grupo%20Awur%C3%AA%20foi%20criado,o%20papel%20da%20representatividade%20negra>

Zé Luiz do Império

Nascido em Santa Teresa, apaixonado por samba, encantado pelo futebol. Seu sonho mesmo era ser jogador e ocupar a ponta esquerda do campo. Mas seu caminho mesmo se confunde entre as rodas de samba e no Império Serrano, Zé Luiz se encontrou na ala dos compositores. Antes disso, sua ideia de samba era ir de escola em escola, aproveitando a farra da vida e do samba. Figura emblemática da escola, sendo presidente da Velha Guarda e um dos participantes da maior influência do Fruta do Pé, a Quilombo, escola de samba idealizada por Candeia com participação de seu Zé Luiz levado por seu amigo e parceiro, Nei Lopes.

Figura 26: Zé Luiz do Império.



Fonte: You Tube - FRUTA DO PÉ, 2021.

2.4 Centro de Cultura Negra Fruta do Pé

Figura 27: Logotipo do CCN Fruta do Pé.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021f.

Aqui, apresento-lhes a totalidade da visão desses jovens sambistas. O que de mais efervescente o Fruta tem, seus projetos socioeducativos com ênfase na valorização da cultura preta dentro do espaço da zona oeste carioca.

A pandemia forçou a inventividade e fez o Projeto Fruta do Pé se tornar o sonho mais íntimo de seus idealizadores, o Centro de Cultura Negra Fruta do Pé, onde o espaço que antes era usado apenas para rodas de samba mensais, passa a ser dividido em atividades que visam a sociabilidade e o resgate da cultura negra através de aulas de percussão, capoeira, jongo e yoga Kemética. Turmas pequenas, espaçadas, fazendo uso dos protocolos de distanciamento social, quando das aulas presenciais e ainda a possibilidade da aula remota, aos que assim desejam. No bojo dos sonhos que 2021 guarda, ainda tem as aulas de dança e canto, bem como outros caminhos de imersão.

Figura 28: Kemetica Yoga



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021g.

Figura 29: Aula de capoeira ⁶²



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021h.

Figura 30: Aula de percussão



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021i.

⁶² disponível em: https://scontent.fsdu2-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-9/134971363_1091436594632902_6803035825344369836_n.jpg?_nc_cat=104&ccb=1-3&_nc_sid=a26aad&_nc_ohc=GoW65EnfGvsAX-ESrJh&_nc_ht=scontent.fsdu2-1.fna&oh=3cd730746234a710a61ec96b844bcc7e&oe=60C2DA00

Figura 31: Oficina de passistas⁶³.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021j.

Durante o longo ano de 2021, as atividades presenciais começaram a tomar corpo, ainda bem discretas e atentas ao acompanhamento da pandemia. O quintal do Fruta passa por obras e abre espaço para uma área de convivência toda reformada. Onde agora, aquela casa típica dos modelos suburbanos, de um terreno compartilhado entre famílias, recebe a comunidade para aprender e se divertir.

A casa de dois andares é dividida entre Breno, andar superior e seus avós no térreo. Breno pretende usar seu espaço para implementar as salas de convivência do projeto, bem como um acervo do samba, espaço de exposição de obras de artistas da região, bem como uma coletânea de informações pertinentes aos que desejam saber mais sobre a tradição do samba na zona oeste carioca.

⁶³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=211180901014597&set=pb.100063680641200.-2207520000>

Figura 32: Área externa do Centro de Cultura, onde acontecem as aulas e a roda de samba.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021k.

Tradição. Por muitas vezes, ao escrever este texto, me deparei com meus questionamentos sobre o que é o não tradição. Minha visão permanecia muito estereotipada, e condicionada a superficialidade dos fatos. Ora, tradicional para mim só poderia se tratar dos lugares famosos do samba, aqueles que já haviam sido cantados, registrados e gravados no imaginário popular. Como eu poderia identificar a tradição no que não era visto pelo todo. Mas aí é que está, tradição não é algo cristalizado em significados engessados, ou ao menos não deveria ser. Como posso desconsiderar uma vida devotada ao samba e aos ensinamentos oriundos dele? Uma família campo-grandense que me mostrou que o legado ancestral vai para além da cercania de Tia Ciata e que existem muitas outras manifestações da “Pequena África” para além do Centro do Rio.

É preciso recomeçar, se adaptar, encontrar a melhor maneira de resistir, de não deixar o samba morrer. De entreter, ensinar e garantir que a comunidade não perca seu espaço de referência. Com a disseminação da vacina, a esperança retorna e a roda fica cada vez mais perto de acontecer.

Penso o Centro de Cultura, como um corpo negro. Sua cabeça fervilha com as ideias

trazidas pela juventude de seus idealizadores. Suas pernas, dançam samba em aulas semanais e jogam capoeira presentificando a memória ancestral. Para os braços, penso no grupo musical fruto do Fruta, o Colete Curto. Uma trica de ouro eu leva o projeto comercial de samba do Centro de Cultura Negra Fruta do Pé (CCNFP). Breno Batista, com seu irmão Ramon de Pilares e o amigo de longa data, Lucas Pretto, empreendem um projeto de sambas autorais que vão para além do Fruta, levando samba para rodas próximas e eventos comerciais de toda natureza. São eles que também puxam as rodas de samba mensais, que são o carro chefe o CCNFP. A eles outros instrumentistas e sambistas da região se unem para realizar uma roda que vai além do entretenimento, é a mais pura representatividade ancestral para seus frequentadores assíduos.

Em uma das muitas conversas sob as árvores frutíferas do quintal de Dona Marli, surgiu o nome Colete Curto, para se referir a este projeto musical. Nome cantarolado por eles, ao ouvir na voz de Zeca Pagodinho esta composição de Tio Hélio e Nilton.

*Colete curto, paletó do
mesmo pano
Colete curto,
paletó do mesmo pano
Nego véio andando, nego
véio andando.*

(Colete Curto – Hélio Dos Santos/Nilton Da Silva)

Figura 33: Breno Batista, Lucas Pretto e Ramon de Pilares – integrantes do grupo Colete Curto⁶⁴



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 20211.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletecurto/photos/122239666620331>. Acesso em abril de 2021

No dia 19 de novembro de 2021, o GEO Dr. Sócrates, em Guaratiba, recebeu alguns músicos do projeto participando das atividades relacionadas ao Dia da Consciência Negra. Uma equipe de psicologia foi levada pelo CCNFP⁶⁷, que trabalhou a questão racial e auto estima, levando também um pouco de história da África para aqueles alunos. Como o acesso à cultura não pode ser algo pontual de uma data específica, o trabalho de percussão é realizado toda sexta feira com os alunos do colégio, aproximando ainda mais o potencial educativo do samba, meta do centro de cultura, à juventude dos arredores campo-grandenses.

Figura 34: Foto da apresentação do Colete Curto – novembro de 2021⁶⁵.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021m.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

Figura 35: Imagens das aulas de percussão oferecidas aos alunos nas sextas-feiras, no GEO Dr. Sócrates, em Guaratiba.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021n.

Três dias após a morte de Zumbi, Palmares se manteve de pé apesar da grande perda e permanece até os dias de hoje. Assim como nossas referências que buscaram manter a transmissão e proteção de tudo aquilo que vem de África é importante que nós continuemos com esse árduo trabalho. Por isso, também em um dia como 23 de novembro o Projeto Fruta do Pé esteve no CIEP Roberto Morena, em Paciência, bairro da extrema Zona Oeste, para que através da capoeira seja levado para os nossos seres um pouco mais da nossa história, cultura e filosofia de vida contada por nós mesmos.

Fragmento retirado da página do Facebook do CCNFP, onde vemos o relato do eu as imagens a seguir ilustram: a importância da continuidade, da disseminação dos ideais afro referenciados para a juventude da, como eles mesmo chamam, “zona oeste extrema”⁶⁶.

⁶⁶ Zona Oeste Extrema é um termo usado por moradores dos bairros menos vislumbrados por incentivo dentro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Já apareceu em menções de vereadores da região, quando querem estabelecer um contraponto aos bairros mais abastados da zo, como Recreio dos Bandeirantes e Barra da Tijuca. Não chega a ser uma terminologia oficial, mas vem ganhando força nos bate papos que envolvem alguns bairros da zo

Figura 36: Oficina de percussão no CIEP Roberto Morena – Paciência.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021 o.

3 A RODA COMO ESPAÇO DE PROFUSÃO DE SABERES:

Quem samba
 fica Quem não samba vai
 embora
 Quem samba
 fica Quem não samba vai
 embora Se é homem é meu
 senhor
 Se é mulher, minha
 senhora Vou prá
 Bahia vou ver
 Barco correr no mar, no mar.

“Quem samba fica” – Jamelão/Jorge Bispo/Tião Motorista

Outro dia, em conversa com queridos amigos dos tempos de escola, falávamos sobre memórias daqueles dias, das gargalhadas, dos romances, das aventuras e descobertas, mas antes de tudo, do nosso samba dos intervalos. Trago essa memória, pois só agora, compilando retalhos para minha escrita, é que me permito associar que ali, a roda de samba se fazia presente, naquelas meninas e meninos que usavam das mesas de madeira, e latas de lixo para percussão dos pagodes que cantávamos, compúnhamos e parodiávamos.

Presentificar essa lembrança é extremamente gratificante, principalmente por me fazer realizar o quão importante foi para mim aqueles dias e dias de uma roda de samba improvisada que ganhava adeptos de outras turmas, fosse como espectadores ou participantes ativos do pagode.

Não vou “inventar a roda”, menos ainda reinventá-la neste texto, não é minha pretensão nem minha expectativa. Quero apenas descrever como é gratificante a construção de saberes em conjunto, na troca, na oralidade, no batucar em superfícies ressignificadas.

Qual foi a primeira roda de samba? Onde foi realizada? Quem eram seus componentes? Nem sei se estas perguntas têm respostas definitivas, mas também não é isso que quero saber. Minha jornada é pelos encantos da roda de samba, seja nos quintais da Pequena África de Tia Ciata, seja pelos espaços mais periféricos da Cidade Maravilhosa.

Minha intenção aqui não é reinventar a roda nem tampouco explica-la. Minha parte é apenas descrever seus encantos e seu potencial de sociabilidade e de uma formação humana

que busca em África sua origem.

Caminhar pelas ruas que pulsam o samba em toda sua glória, de pés descalços ou não, com a pompa do bamba que se malandreia nas esquinas da canção

A rua, com seus encantos e mistérios, vive quando habitada pelos eres (SIMAS/2020) sempre tem espaço nas escritas boêmias, ora, não tinha como ser de outra forma. Por seus becos e vielas, homens e mulheres de todas as classes, circulam.

Para uns, morada, para outros, temor. Há os que nela se divertem e os que nela trabalham. Sem ela não há troca, sem ela não há caminho. Sem ela a mensagem não chega e a comunicação se perde para depois se encontrar. É nela que o cidadão comum vira rei, palhaço, artista da folia que nela há. Pelos caminhos da rua, encontro minha razão para sambar.

As ruas de Campo Grande guardam mistérios e encantos que por muito tempo não me permiti conhecer. Só pensava nelas quando brincava, corria e pulava, sem perceber que os saberes em encruzilhadas, são saberes de ginga, de fresta e de síncope (RUFINO, 2019) e que portanto, permeavam mais a minha vida do que eu ousara saber. “Nos sambas vivem saberes que circulam; formas de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias dos que tiveram seus laços associativos quebrados pela escravidão; hábitos cotidianos; [...]” (SIMAS, 2020, p. 114).

3.1 Eu sou, porque nós somos. A filosofia africana nas ruas periféricas distantes da Sapucaí

Figura 37: Foto de uma das paredes⁶⁷⁷⁰ do C.C.N.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021p.

Somos ensinados desde a tenra idade como devemos agir e a melhor maneira de pensar. Crescemos achando que o normal, o natural, o aceito é aquele padrão europeu que se mantém como premissa nos cronogramas escolares Brasil a fora. Nem mesmo nos damos conta de que este é um padrão, apenas nos esforçamos para fazer parte dele, pois ainda que não reflita, sabemos que estar fora dele não é a melhor opção.

Essa é uma percepção que precisa de novos prismas de observação, não se pode mais ignorar toda influência que os povos originais e africanos têm em nossa construção social e trazer para a roda toda a influência educativa que recebemos nas ruas periféricas e nos quintais que nela existem. Buscar uma afroperspectividade (NOGUEIRA, 2015) como um novo modo de filosofar e de entender a cultura que nos cerca.

⁶⁷ Arquivo pessoal, foto de personalidades do samba que exercem influência sobre os membros do centro

Figura 38: Seu Elói, com sua vista privilegiada, registrando o “pagode”⁶⁸.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021q.

Figura 39: Imagem do que Seu Elói buscou registrar⁶⁹.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021u.

⁶⁸ Pagode aqui entre aspas por se referir à reunião de sambista

⁶⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=318034943662525&set=pb.100063680641200.-2207520000..&type=3>

Ancestralidade grita...

Finalizar, encerrar, concluir.

Verbos incisivos e diretos que denotam ações que fazem parte do cotidiano de todas as pessoas.

Ansiedade, impaciência, sofreguidão, agonia, aflição, angústia, medo, receio, frustração, sabotagem. Substantivos que impedem que esta pessoa finalize, encerre ou conclua.

De onde vem a força para entregar essa obra? O que me impulsiona a escrever?

Que suporte é este que não vejo, mas sinto, que não conheci, mas vivo?

Por muito tempo minha ansiedade me atropela. Pensamentos que me invadem e cortam minha linha de raciocínio, apresentando-me inúmeros finais para a história que nem comecei a escrever. E se for ruim? Se eu estiver escrevendo besteira? E o pior, se for bom? E se eu conseguir? Dentro das contradições dos meus questionamentos repousa presente a minha ansiedade, que hoje consigo enxergar e nomear, mas que por décadas não soube identificar, só sentir.

Ancestralidade grita, mas diz o quê?

Num mundo onde o que é visto de você importa mais do que quem você é, defender sua ancestralidade é primordial. Mas como entender minha origem ancestral africana crescendo no seio de uma família não negra? Como me aceitar nos tamanhos e formas exaltados no continente mãe sem reconhecê-lo no meu entorno? Como entregar um texto falando sobre circularidade de saberes africanos manifestos em rodas de samba sem entender de onde eu vim?

Tudo isso me impediu de entregar dentro do prazo, de concluir, de finalizar, de encerrar.

Mas essa força que não sei explicar, se manifesta na minha vida e me impulsiona a seguir. Encontrei sororidade, refúgio e fortaleza naquele último abraço presencial, que também foi o primeiro. Recebi consolo e encorajamento numa rede de mulheres pretas que não questionam, apenas doam. Entendi que a ancestralidade, para além das definições publicadas, se manifesta no detalhe e mergulhei nas minhas memórias para entender que não vem de hoje o meu sustento emocional, a base está lá, firme, pois, fora erguida sobre raízes matriarcais que independente do colorismo de sua pele, me mostrou o que é ser uma pela outra.

Nessa jornada de autodescoberta, escrevo sobre um grupo de jovens que exhibe sua representatividade quase como num espelho de quem os impulsionou a cantar, a dançar e a viver o samba. Resistindo sem medo de existir, de mostrar que são frutos de um pé ancestral que os sustenta e impulsiona a continuar, tal qual o ideograma africano tatuado na pele do fundador do grupo, que exhibe um pássaro voltando-se para sua cauda e significa um retorno ao

passado que permita ressignifica o presente e construir um futuro.

Acompanhar a jornada do C.C.N. Fruta do Pé, me fez perceber que o quintal de Tia Ciata, símbolo da Pequena África, se faz presente para além dos seus limites geográficos. Me fez entender que tradição é uma palavra que é mais que um conceito absoluto, ela permite a observação do recorte que você escolhe ler e foi no quintal de Dona Marli que eu descobri como a zona oeste extrema conta sua história.

O Fruta em 2022 entende que a pandemia ainda é uma realidade que limita voos mais altos, mas não te aprisiona em casa mais. Desde que as atividades foram retomadas, em outubro de 2021, as normas estabelecidas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em acordo com a OMS, vem sendo seguidas pelos organizadores, como por exemplo a venda de ingressos limitados e condicionados a apresentação do cartão de vacinação individual. As instalações do CCN passaram por reformas durante a pandemia e foram adaptadas as necessidades dos frequentadores e colocado à disposição, recipientes com álcool para a manutenção da higienização do ambiente.

Neste 2022, as rodas permanecem seguindo esses protocolos, bem como as atividades educativas do CCN, como aulas de música, percussão e samba no pé.

Em maio de 2022, mais precisamente no dia 13 de maio, um evento sistematizou toda a importância da ancestralidade para o grupo, pois a comunidade foi chamada, através das redes sociais, a participar de um bate papo sobre os Pretos Velhos, cujo dia culmina com as comemorações da abolição da escravatura. Nesta roda de conversa, foi apresentado aos presentes a história dos monumentos do Preto Quincas e da Preta Velha que está há poucos metros da sede do Fruta e através dessa narrativa, avivar na mente daquela juventude negra, base componente dos frequentadores da roda, a origem das nossas raízes. Após as explicações o samba ficou sob a responsabilidade dos alunos do CCN que mostraram aos presentes o resultado do empenho de suas aulas.

Não sabemos bem explicar, porque de fato nem conseguimos entender os caminhos do destino. Entre idas e vindas deste texto, entre tantas dúvidas que me permeiam a mente e sabotam a escrita, achei que este fato não conseguiria entrar para o registro, mas ainda assim, aqui está.

Todo o processo de pesquisa tem em seu curso muitas descobertas e redescobertas. Ao me voltar para o bairro em que resido há vinte anos pude encontrar belezas em cantos e recantos que não imaginava existir. Minha ânsia por retornar ao centro da cidade maravilhosa era tamanha que me cegava para a profusão de história que essas ruas guardavam. O registro deste (r)encontro se faz mais que necessário, urgente.

Não sei se esgotei tudo o que poderia nestas linhas tortas, mas sem dúvidas esse é o toda minha atual possibilidade. Talvez seja esta a mais difícil frase escrita neste processo, pois me permito assumir que não tenho que ser perfeita como a expectativa criada por mim de mim mesma. Posso ser feita, das dores e amores que me competem e me permitir a surpreendente revelação de que há muito mais por vir.

“Tambor você fica aí, está na hora vamos encerrar”.

Ponto de Umbanda

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALERJ, Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. **Relatório final da comissão parlamentar de inquérito destinada a investigar a ação de milícias no âmbito do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : ALERJ, 2008.
- AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos (Org.). **República em Migalhas: História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990. P. 187-234.
- ARCURI, Sylvia Helena de Carvalho. Roda de samba “Mandala” que (en) canta o samba: um território de anunciação. In: SILVA, Wallace Lopes (Org.). **Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. 1 ed. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- BRAZ, Marcelo (Org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CAMPOS, Ana Paula de Souza. **Na encruzilhada do exu policial: religião, milícia e regimes de proteção na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro**. 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- CANO, Ignacio; DUARTE, Thais. **“No sapatinho”**: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008-2011)/Ignacio Cano & Thais Duarte (Coordenadores); Kryssia Ettl e Fernanda Novaes Cruz (Pesquisadoras). Rio de Janeiro : Fundação Heinrich Böll, 2012.
- CANO, Ignacio; IOOT, Carolina. Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas “milícias” no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, C.; DIAS, R.; CARVALHO, S.; SOUZA E SILVA, J; WILLADINO, R.; LANNES, F.; LEHER, R.; ALVES, J. C. S.; SILVA, I.; ROCHA, L. M. & CANO, I. **Segurança, tráfico e milícias**. Rio de Janeiro: H. Boll, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COELHO, Fábio André Cardoso. O samba no Rio de Janeiro: linguagem, estilo e relações sociais. **Idioma**, Rio de Janeiro, n.. 26, p. 45-59, 1º. Sem. 2014.
- CRUZ, Alline Torres Dias da. **De Madureira à Dona Clara: suburbanização e racismo no Rio de Janeiro no contexto pós-emancipação (1901/1920)**/Alline Torres Dias da Cruz. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2020.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**/Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Otair; SILVA, Edna I.S. (Orgs). **Frutos da Terra: Samba e Compositores iguaçuanos**. Rio de Janeiro: UFRRJ/Evangraf, 2013.

FERREIRA, Felipe. **Inventando Carnavais**, O surgimento do Carnaval Carioca no Século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRÓES, Jose Nazareth de Sousa; GELABERT, Odaléa Ranauro Ensenat. **Rumo ao Campo Grande: por trilhas e caminhos**. Rio de Janeiro: sem editora, 2004.

FRUTA DO PÉ. **Página sobre cultura negra, música e educação ancestral**. Inhoaíba, RJ. Facebook: @frutadope. Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>. Figuras de a-u. Acesso em fev. 2022.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 1 Seu Décio**. 2020. 1 video (31min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ms6yUuPT8qM>. Acesso em: 02 maio 2022a.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 2 Jongo de Pinheiral**. 2020. 1 video (1h 7min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCpQ1hG0AkW&t=2s>. Acesso em: 02 maio 2022b.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 3 Santa Cruz**. 2021. 1 video (53 min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=csGjog1phsk>. Acesso em: 02 maio 2022a.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 4 PH Mocidade**. 2021. 1 video (52 min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXVyDOozq38>. Acesso em: 02 maio 2022b.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 5 Arifan**. 2021. 1 video (41min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rUB5H3yY1Y4>. Acesso em: 02 maio 2022c.

FRUTA DO PÉ. **Raízes da Fruta – Ep. 6 Zé Luiz**. 2022. 1 video (24 min). Publicado pelo canal Fruta do Pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mXmIBwVYBCU>. Acesso em: 02 maio 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise** [recurso eletrônico. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Maria Glória e MOURA, Adriana Ferro. A reinvenção da roda: roda de conversa um instrumento metodológico possível.: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

LOPES, Nei. **Dicionário da hinterlândia carioca: antigo “subúrbio” e “zona rural”**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LOPES, Nei. **Partido-alto: samba de bamba**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MANSUR, André Luís. **O velho oeste carioca: a história da Zona Oeste do Rio de Janeiro DeDeodoro a Sepetiba do século XVI ao XXI**. Rio de Janeiro: Editora Ibis Libris, 2008.

MARINS, Paulo César Garcêz. Habitações e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrópoles Brasileiras. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolay (Orgs.). **História da Vida Privada no Brasil**. A República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L.G.; CASTRO, P. A. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MOTA, Maria Sarita; PEIXOTO, Fabio Costa. O continuum rural-urbano na formação da zona oeste do município do Rio de Janeiro. In: IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo **Anais...** São Paulo, 4 a 6 de setembro de 2006.

MOURA, Roberto. **No princípio era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

NOGUEIRA, Renato. Sambando pra não sambar afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da filosofia. In: SILVA, Wallace Lopes (Org.). **Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

NOSSO BOSQUE. Página sobre educação ambiental. Morro da Posse, RJ. Facebook: @nossobosquerj. Disponível em: <https://www.facebook.com/nossobosquerj>. Acesso em: 01 maio 2022.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de. Zona oeste da cidade do Rio de Janeiro: entre o rural e o urbano. **Revista Iuminuras** – Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, Porto Alegre, v. 18, n. 45, p. 325-349, ago/dez, 2017.

PEIXOTO, Fábio Costa. Ordenamento territorial e a zona oeste do município do Rio de Janeiro: um breve olhar sobre a construção do território carioca durante a primeira metade do século XX. **Oculum Ensaios**. Revista de Arquitetura e urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC-Campinas, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Samba são pés que passam fecundando o chão...** Madureira: sociabilidade e conflito em um subúrbio musical. 2003. 185f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

RIBEIRO, Paulo Jorge; OLIVERIA, Rosane. O impacto da ação das milícias em relação às políticas públicas de segurança no Rio de Janeiro. **Crime e Globalização: Documentos de debate**. Amsterdam: TNI Briefing Series, 2010.

RIO, João do. **A alma encantada das ruas: crônicas**. Raúl Antelo (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROVERE, Renata Lèbre La. **Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno**. Resultado de projeto de pesquisa. Junho/2009.

RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v. 10, n. 1, p. 71-88, Jan./Jun. 2018.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

SANTOS, Edméa. A Cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011, pp. 75-98.

SANTOS, Edméa. SANTOS, Edméa Oliveira dos. Ideias sobre currículo, caminhos e descaminhos de um labirinto. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 13, n. 22, p. 417-430, jul./dez., 2004.

SANTOS, Leonardo Soares dos. **Um sertão entre muitas certezas: a luta pela terra na zona rural da cidade do Rio de Janeiro: 1945-1964**. 2005. 132f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SANTOS, Milton. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Ano XIII, n. 2, p.15-26, Rio de Janeiro, Ago-Dez 1999.

SILVA, Jorge Paulo Pereira da; GAMARSKI, Elen Araújo B. Campo grande: algumas considerações sobre seu desenvolvimento. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: crises, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças – diálogos e práticas** – ENGE

2010. Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre/RS, 2010.

SILVA, Paulo Vitor Braga. **Fazenda Bangu: a joia do Sertão Carioca**. Paulo Vitor Braga da Silva, Benevenuto Rovere Neto. Rio de Janeiro, RJ: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato a ciência encantada das macumbas**. Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade** – a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago. Salvador, BA: Sec. da Cultura e Turismo, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar: Ed. UFRJ, 2010.

WEYRAUCH, Cleia Schiavo. De sertão à zona industrial. **Revista Ágora**, Vitória, n. 17, 2013, p. 13-31.

SAIDEIRA (ANEXOS)

A roda com todos os seus sujeitos e formas. Tudo que se apresenta e como é apresentado, será aqui registrado.

As imagens escolhidas para compor esse anexo, tem grande importância para a construção do texto, pois elas são um compilado do que o CCN Fruta do Pé é hoje, com suas atividades e com sua preocupação em promover a cultura na zona oeste extrema.

Os esforços de um grupo em imagens que mostram em detalhes o pensamento de que cada cantinho deste pode ser um lugar para o registro de imagens e a construção de lembranças que farão toda diferença para os afetos que tendem a ser construídos.

ANEXO A: Foto da divulgação do retorno das rodas no espaço do Fruta.

MAIS INFORMAÇÕES
21 96419-9318

RODA DE SAMBA
FRUTA DO PÉ

16
OUT
Sábado
17 HRS
À
00 HRS

Nozso time

BRENO BENÉ

SALAME VALÉRIO

FIDELIS

RENAN BRAZ

INGRID SCHIAVO

LUCAS PRETO

JHONNY GABRIEL

JACK FERREIRA

LUCAS MACHADO

JÚLIA BATISTA

RESPEITANDO TODAS AS NORMAS SANITÁRIAS

CENTRO DE CULTURA NEGRA
FRUTA DO PÉ
(AV CESÁRIO DE MELO 6.300 Inhoaíba)

INGRESSOS ANTECIPADOS
E LIMITADOS
GARANTA JÁ O SEU !

Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

ANEXO B: Foto de divulgação das aulas de samba

Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

ANEXO C: Foto de divulgação das aulas de percussão

Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

ANEXO D: Foto de divulgação das aulas de capoeira⁷⁶

CENTRO DE CULTURA NEGRA FRUTA DO PÉ

AULA DE CAPOEIRA

Infantojuvenil e adulto
Aulas: Terça e quinta-feira
Horário: 18 às 20h

GRUPO SENZALA
Aluno graduado Pernambuco
Supervisão: Mestre Ramos

f Projeto Fruta do Pé
i @projetofrutadope

Av. Cesário de Melo,
6300 - Inhoaíba

WhatsApp (21) 96419-9318

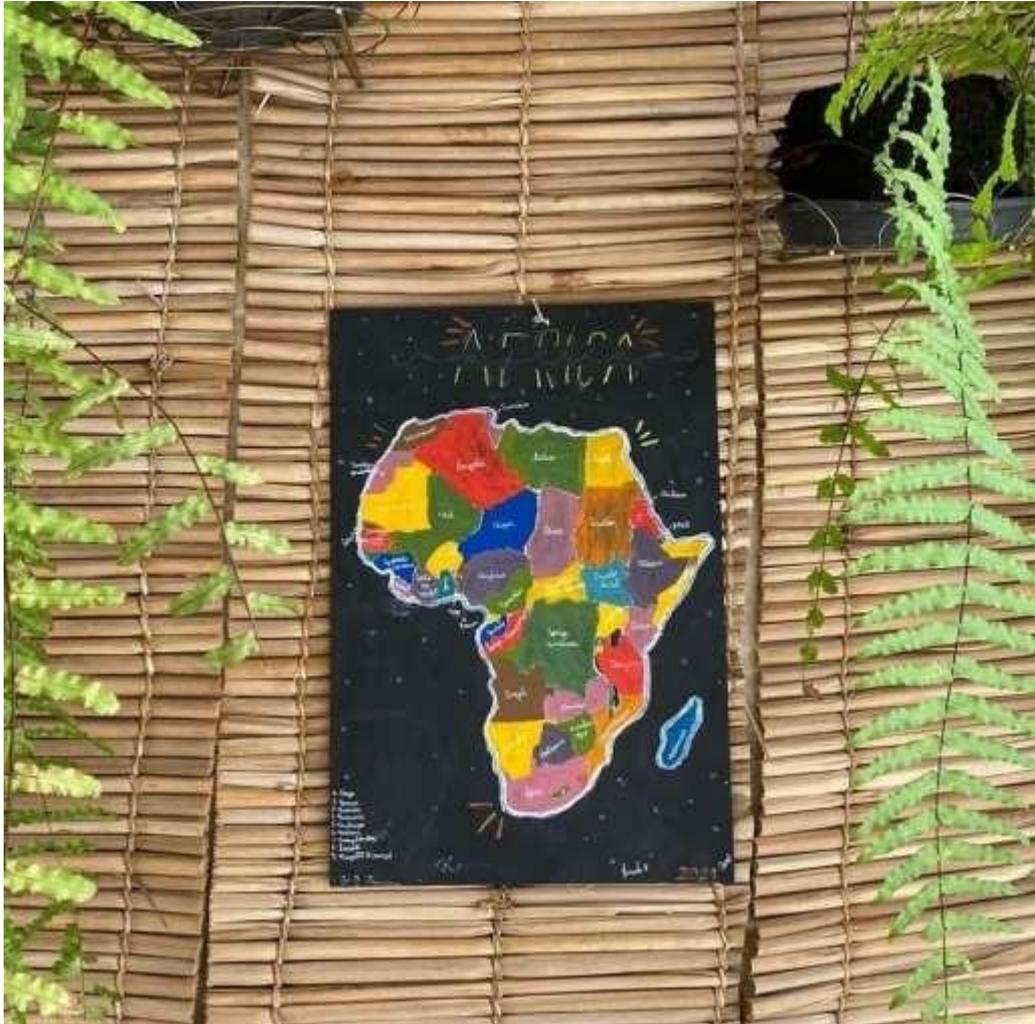
FRUTA DO PÉ

Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

ANEXO E: Foto de uma das paredes do espaço⁷⁷



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷⁷ Arquivo pessoal, mapa do continente africano com as perspectivas dos locais de onde vieram os nossos ancestrais.

ANEXO F: Foto de Bambas na parede do projeto⁷⁸



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷⁸ Arquivo pessoal – outubro de 2021.

ANEXO G: Foto da banca de artesanatos⁷⁹



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

ANEXO H: Foto da barraca de bijus⁸⁰

Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetofrutadope>

ANEXO I: Foto Ancestralidade presente em cada detalhe da roda⁸¹.



Fonte: Facebook FRUTA DO PÉ, 2021.

⁸¹ Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=272960768169943&set=pb.100063680641200.-2207520000>.